O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis: Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 1 DE JULHO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:276

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Laboratorio de zoologia maritima.—Difficuldades.—O sello e a camara dos pares.—Os exactores da fazenda.—Merito agricola.—Noticiario.—Conferencias.—Folhetim: Os Crentes.—Saes de cobre.—Pastoral.—Carta de Cambra.—Carta de Vagos.—Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

Laboratorio de zoologia maritima

Contra o estabelecimento d'uma estação piscicula nos rios Ave ou Leça,a que nos referimos já,e a que promettemos voltar com os protestos da nossa opinião sincera e franca, escreve o nosso esclarecido collega lisbonense, *O Correio da Tarde*, o substancioso artigo que em seguida transcrevemos, e a que damos, de preferencia a qualquer outro, o logar em que primeiro costumamos collocar as questões de verdadeiro interesse local.

O Correio da Tarde, que é,na imprensa lisbonense,um dedicado amigo d'esta terra, como o é no parlamento o seu illustre director, presta assim a Aveiro e ao paiz um relevante e inolvidavel serviço.

Registamos com louvor essa attitude nobre e patriotica, retirando por hoje o que haviamos escripto sobre o assumpto, para darmos logar ás judiciosas considerações do illustrado collega:

Parece que já não é o Leça, o rio microscopico que todos ahi conhecem, o logar escolhido para se estabelecer o laboratorio de zoologia maritima. Na verdade a designação do Leça era verdadeiramente irrisoria. Parecia que havia empenho de intrujar o nobre ministro das obras publicas, forçando-o a assignar um diploma que conferisse a um riacho as honras que por caso algum podiam caber-lhe.

Falla-se agora no rio... Ave! Outra criação mirifica dos novelleiros. O que é o Ave dil-o o sr. Baldaque da Silva no seu magnifico livro intitulado—*Estado actual das pescas em Portugal.* Vamos reproduzir as suas palavras para que não supenham que tentamos amesquinhar o Ave em proveito do Vouga. Será este illustre escriptor quem dirá da sua justiça.

Falla pois o sr. Baldaque da Silva:

> «Rio Ave.—Tem este rio 73 kilometros de curso desde a serra de Cabreira onde nasce, desenvolvendo-se sinuosamente desde a origem até á confluencia com o Vizella de N. E para S. W. e d'aqui até á foz do nascente para o poente. Banha Santo Thyrso e proximo da embocadura Azurara e Villa do Conde. O seu leito é de profundidade diminuta, sendo navegavel apenas junto á foz. Tem por afluentes o Vizella que passa proximo de Fafe e o Deste que banha os arredores de Braga. Este rio é muito obstruido pelas azenhas que começam logo acima da ponte do caminho de ferro da Povoa do Varzim, deixando sob as influencias da maré unicamente o porto de Villa do Conde, accessivel ás especies de peixes emigrantes e maritimas. No curso innavegavel dão-se muitas especies d'agua dôce. As condições hydrographicas d'este receptaculo das aguas do Oceano facilitam os trabalhos da pesca interior, que ainda assim não teem grande importancia.»

Ahi está uma opinião insuspeita. E' do sr. Baldaque da Silva. Se Leça não se podia tomar a sério por ser um riacho insignificante, o Ave está nas mesmas condições. Não podem augmentar-lhe o valor os que o inculcam. Está condemnada tambem a sua indicação. Não só é navegavel, mas concorre egualmente para arredar a hypothese de poder ter peixe só na fóz, quando se faz sentir o fluxo das marés. Mas porque apparecem estes balões de ensaio, quando a commissão tem mais perto e em condições mais vantajosas o grande estuario em que desagua o Vouga? E se nós somos suspeitos para advogar a causa da ria de Aveiro, damos ainda a palavra ao sr. Baldaque da Silva para que possa julgar-se a questão com inteiro desprendimento de interesses locaes.

> «E' tão vasta a superficie occupada pelas aguas em toda a ria de Aveiro, apresentando uma profundidade media tão regular, fundo d'areia e lodoso e uma velocidade de corrente tão fraca, que as condições naturaes d'este receptaculo hydrographico sob o ponto de vista das pescas, não se podem exceder, não só pela facilidade do emprego dos aparelhos mais efficazes, como tambem pela largueza, abrigo e comedouro que ahi encontram as especies que entram com a maré e as que derivam da agua dôce.»

E' ainda do livro—*Estado actual das pescas em Portugal*—que nós extrahimos aquellas palavras. Não foi elle escripto agora e portanto maior valor teem as apreciações do sr. Baldaque da Silva.

N'umas notas estatisticas contidas n'esta interessante publicação vê-se que em 1886 o peso do peixe produzido na ria d'Aveiro foi de 556:700 kilogrammas, em quanto que no departamento maritimo do centro o peso do peixe produzido foi de 512:090 kilos, e apenas de 178:800 kilos o peso do peixe pescado no departamento maritimo do sul. Em 1888 o peixe pescado na ria produziu 38:969$420 réis, 40:957$000 a pesca do departamento maritimo do centro, e o departamento do sul apenas 12:560$000 réis.

Não publicou o sr. Baldaque da Silva o valor e o peso do pescado nos rios Leça e Ave. Referiu-se só ás pescas do Ancora, que assignou em 500 kilos na importancia de 36$000 réis, designando este rio como de *importancia secundaria.*

Vê-se portanto que o estuario de Aveiro está fatalmente escolhido para n'elle se estabelecer o laboratorio de zoologia maritima, e que será erro capital dar-lhe outra collocação. E' este pelo menos o voto dos homens competentes, e muito folgaremos que a commissão que ha pouco se installou no ministerio das obras publicas assim o tenha entendido tambem, o que não pode deixar de ser, visto que faz parte d'ella o sr. Baldaque da Silva, que tem estudado a materia e conhece o paiz.

Difficuldades

Sob este titulo escreve tambem o *Correio da Tarde* de hontem:

Parece que nos ultimos dias a situação politica se tornou algum tanto melindrosa e difficil, tendo sido necessario, por parte do governo, a adopção de certas cautellas para evitar qualquer golpe inesperado, que o colloque em mais serios embaraços. A votação do projecto de lei relativo ao sulfato foi um primeiro symptoma da falta de unidade de acção na maioria governamental, que, como se sabe, se dividiu na votação, rejeitando-o alguns dos amigos da situação mais em evidencia e até o proprio relator geral do orçamento, apesar do governo haver declarado, pela forma mais cathegorica, que concordava com esse projecto e o acceitara plenamente.

A proposito tambem do projecto da contribuição industrial, correm desde sexta feira boatos alarmantes para o governo. Dizia-se que tendo o sr. conselheiro Francisco Beirão combatido o projecto e tendo logicamente de votar contra elle a minoria progressista teria de acompanhar n'essa votação o seu *leader*. O grupo dos amigos do sr. conselheiro Dias Ferreira tambem estaria resolvido a votar contra, assim como os quatro deputados republicanos. N'estas condições, o projecto da contribuição industrial correria risco imminente de ser regeitado ficando o governo em chéque, o que faria falhar todas as previsões e todos os calculos politigo sobre a situação.

A questão da eleição por Villa do Conde, a maneira aspera, quasi aggressiva, com que o sr. ministro do reino respondeu ao sr. conselheiro Eduardo Coelho, tambem veio dar um novo e inesperado aspecto ás discussões parlamentares até aqui tão exemplarmente serenas. Effectivamente, tendo o partido progressista sido até aqui da mais extrema benevolencia para com o governo, a attitude do sr. ministro do reino não se explica satisfatoriamente, tanto mais quando s. ex.ª ordenando a syndicancia que lhe fôra pedida, dava satisfação ás reclamações da opposição, aliás feitas nos melhores termos e sem espirito de intransigent-facciosismo. Quer-nos parecer que a situação se tem enfraquecido consideravelmente e que difficil lhe será, n'essas condições, governar em termos. D'ahi resulta terem tambem recrudescido nos ultimos dias os boatos d'uma proxima recomposição ministerial, que será muito mais extensa do que em tempos fôra annunciado, fallando-se na sahida nada mais nem menos do que quatro ministros, chegando até a indicar-se para alguns d'elles commissões em que immediatamente serão collocados. Pomos toda a reserva n'estes boatos, querendo-nos parecer que, por emquanto, carecem de fundamento.

No entretanto julgamos que a situação do governo é realmente melindrosa e difficil, e que d'um momento para outro se póde aggravar seriamente.

O SELLO E A CAMARA DOS PARES

E' tambem do *Correio da Tarde* o seguinte artigo:

Augmentou consideravelmente o imposto do sello, e isto em prejuizo da propriedade territorial. Por exemplo, nos livros das conservatorias passou de 80 a 200 reis a taxa, o que é uma percentagem tão exagerada, que não sabemos como os respectivos funccionarios possam abonal-a, embora sejam depois embolsados pelos que carecem de recorrer ao registro.

Sendo cinco os livros em serviço diario, o sello importa em 200$000 reis. E nem todos os conservadores se acham em circumstancias de fazer adiantamentos de tamanha importancia. Além d'isto, a contribuição que passa a incidir sobre os proventos das conservatorias é egualmente tão exagerada, que não sabemos como pode ser satisfeita sem vexame para o collectado. Tuda isto revela que suba muito a febre de tributar, sem se attender ás circumstancias especiaes de cada contribuinte.

Com relação ao sello vae ainda occupar-se de trabalho ministerial a camara dos dignos pares, e é de esperar que ella proceda de modo a modificar as disposições draconianas votadas pela assembleia representativa.

O augmento do sello nas conservatorias vae incidir exclusivamente sobre a propriedade. Cumpre accentuar bem esta circumstancia, para que a camara alta fique habilitada a proceder com inteira independencia, sem subordinação a interesses politicos.

Os exactores da fazenda

I

O nosso esclarecido collega da capital, o *Correio da Tarde*, tem publicado nos seus ultimos numeros uma serie d'artigos sobre as responsabilidades, interesses, cauções e trabalhos dos recebedores das comarcas, que são, além de sensatos, muito judiciosos; mas, como já temos dito por mais d'uma vez, os governos não attendem ás reflexões da imprensa, e fazem obra por sugestões e alvitres estranhos, e nada mais. Além d'isto as nossas medidas fazendarias pecam pelo grandissimo defeito de serem todas feitas para a capital. Aqui é que está o grande erro, o grande atrazo em todos os ramos dos serviços fiscaes. Em todos, e quem soffre as consequencias é o empregado e o thesouro, é o povo.

Cuidam os ministros que, reduzindo quotas e augmentando serviços, o Estado nadará em dinheiro. E' o erro mais crasso que dar se pode. Um empregado com fome e farto de fazer serviço inutil, não pode fiscalisar com vontade nem tem tempo material para o fazer.

Aos recebedores de comarca foram impostas obrigações terriveis. Não só se augmentou a sua responsabilidade como a dos seus propostos, juntando a isto uma escripturação, que, por complicada, torna um balanço ainda mais complicado, e alguns ha, onde se amontoaram conhecimentos de contribuição de registro por titulo gratuito em prestações como as do uzufructo (ideia genial do sr. Dias Ferreira quando foi ministro da fazenda no ministerio dos cem dias) e conhecimentos de foros desde 1839 até hoje, a bagatella de 54 annos, que levam bem oito dias a descrever a um empregado habil e trabalhador; accrescendo mais a escripturação das estampilhas de todas as especies e qualidades, e mil outras coisas que dão que fazer ao mais esperto.

Ora, tendo-se creado os recebedores de comarca (decreto de 3 de novembro de 1860) e acabando os dos concelhos, não se tractou de equiparar os vencimentos, mas sim d'augmentar a escripturação e diminuir aquelles.

Ha comarcas, como esta d'aqui, que precisavam de 3 propostos, Aveiro, Ilhavo, Vagos; outras de 4 e mais. Ora, pagando a quatro empregados e gastando com elles não só o pagamento dos seus salarios mas outras despezas que é escusado ennumerar, quanto fica, como diz o nosso illustrado collega, ao infeliz recebedor de comarca? Muito e muito menos do que dá aos seus propostos. A accusação gratuita de que muitos escrivães de fazenda estão dependentes dos recebedores não se prova, e mesmo que assim fosse, se os recebedores não vivessem tão attribulados, não se importavam de adiantar alguns reaes aos escrivães de fazenda, porque esse dinheiro estava mais que certo na sua entrada na recebedoria.

Mas, perguntamos nós, e muito bem diz o illustre collega, o escrivão de fazenda pode todos os dias, mesmo todos os oito dias, dar balanço a uma recebedoria?

Se houver em Portugal quem o faça faz um milagre; não porque os escrivães de fazenda não queiram cumprir com os seus deveres, mas porque não podem. Se sahirem da repartição, *lá fica o trabalho demorado. E se tiver* a repartição de fazenda cheia de contribuintes, o escripturario doente e outro com licença? Se sahir e deixar a repartição, ha sempre uma parte d'elle ao delegado do thesouro, porque deixou fechada a repartição; se não sahir, castigo do delegado do thesouro, porque não cumpriu. Ora para obviar a estes inconvenientes era necessario que a Providencia concedesse aos escrivães de fazenda o dom da obiquidade como tinha Santo Antonio, e estava tudo remediado.

Continuaremos quando podérmos, porque temos muito e muito que fazer, e ao mesmo tempo analysaremos as estapafurdias reformas das repartições de fazenda, tanto a do sr. Oliveira Martins como a do sr. Dias Ferreira.

São dois monumentos, que, se Necker fosse vivo, devia pedir aos seus authores como uma das melhores resoluções para diminuir um *deficit*.

Até ao numero seguinte.

* *

Merito agricola

Eis os artigos principaes do decreto creando a ordem civil do merito agricola e industrial:

> E' creada a ordem civil do merito agricola e industrial, destinada a galardoar os serviços prestados á agricultura ou á industria nacional, e dividir-se-ha em duas classes, sendo uma para o merito agricola e outra para o industrial.
>
> Os graus e dignidades d'esta ordem são o gran-mestre, e em cada classe os gran-cruzes, os commendadores e os officiaes.
>
> O gran-mestre será sempre o Soberano, e na sua menoridade ou impedimento o regente do reino.
>
> Os gran-cruzes serão oito em cada classe, seis portuguezes e dois estrangeiros.
>
> Os commendadores serão trinta e cinco, sendo trinta portuguezes e cinco estrangeiros.
>
> Os officiaes serão noventa, sendo oitenta portuguezes e dez estrangeiros.
>
> Preenchidos os logares da ordem, só em caso de vacatura poderão em cada classe ser concedidas novas mercês a nacionaes ou estrangeiros.
>
> Todos os cidadãos portuguezes são habeis para recair n'elles a mercê, uma vez que se distingam por merito ou serviços relevantes na agricultura ou na industria nacional, quer em trabalhos praticos, quer nos scientificos, ou ainda em extraordinarios e proveitosos serviços no desempenho de funcções publicas. O mesmo se observará com os estrangeiros dignos de serem agraciados.
>
> Depois do primeiro provimento, a dignidade de gran-cruz não poderá ser conferida á pessoa que não tenha já a de commendador, salvo se occorrerem circumstancias excepcionaes, que por extraordinarios e eminentes serviços a tornem desde logo merecedora d'aquella dignidade, que em tal caso lhe poderá ser conferida conjunctamente com a de commendador por carta regia, em que se mencionem essas excipcionaes circumstancias.
>
> O logar de official em qualquer das classes é especialmente destinado aos mestres, contramestres, directores e regentes agricolas, e operarios que se achem nas condições previstas no artigo 8.º, e os agraciados com esta mercê são isentos do pagamento de quaesquer direitos como para as ordens militares foi estabelecido pela carta de lei de 25 de agosto de 1887.
>
> As mercês das dignidades de gran-cruz e de commendador ficam obrigadas aos mesmos direitos que as da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico.
>
> Aos gran-cruzes, commendadores e officiaes da ordem civil do merito agricola e industrial competem todas as honras concedidas aos mesmos graus e dignidade nas outras ordens portuguezas pelas leis e alvarás em vigor.
>
> A insignia dos officiaes será uma medalha de prata redonda, que terá de um lado a regia effigie do instituidor da ordem, e á volta a legenda «merito agricola» ou «merito industrial», segundo a classe, e no reverso o escudo das quinas portuguezas circumdado pela data da instituição em algarismos romanos.
>
> A insignia dos gran-cruzes e commendadores será uma estrella de nove pontas esmaltadas de verde ou de encarnado, segundo fôr do merito agricola ou do industrial, arraiadas de oiro com nove estrellas pequenas do mesmo esmalte e collocadas sobre os raios entre cada uma das suas pontas, decorada com corôa real sobre a ponta superior e terá no centro em campo de oiro a regia effigie do instituidor, e em circumferencia sobre faxa esmaltada de branco a legenda «merito agricola» ou «merito industrial», segundo a classe.
>
> A insignia da ordem andará em fita de chamalote, branca no centro e dos lados verde ou encarnada, segundo fôr do merito agricola ou do industrial, sendo a largura de cada um dos lados egual a dois terços da largura da parte central. Os gran-cruzes usarão d'ella em fita larga traçada do hombro direito para o lado esquerdo e conjunctamente em placa sobreposta ao lado esquerdo do vestido exterior; os commendadores tambem em placa sobreposta ao lado esquerdo do vestido exterior em fita pendente do pescoço e os officiaes em fita pendente das casas do lado esquerdo do vestido que usarem.

O decreto vem publicado no *Diario do Governo* de quarta-feira ultima.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Veio passar o dia dos seus annos á sua casa de Estarreja o sr. dr. João Carlos Themudo Rangel, esclarecido advogado na cidade do Porto.

—Já regressou da sua casa de Castellões de Cambra á de Avanca, o sr. dr. José Maria d'Abreu Freire, dignissimo presidente da camara municipal de Estarreja.

—Foi estar alguns dias na sua casa da Murtoza o nosso estimavel amigo, sr. dr. Manuel José Marques da Silva Tavares, que por muitos annos exerceu n'esta cidade o logar de administrador do concelho e o de conservador do registro.

—Está a uzo de banhos em S. Jacintho o nosso apreciavel amigo e digno vice-reitor do seminario de Beja, sr. padre José Maria Ançã.

—Acha-se um pouco melhor dos seus incommodos, o que deveras estimamos, a ex.ma sr.ª D. Maria Carolina Ferreira, viuva do sr. Francisco Ferreira d'Araujo Soares, empregado que foi do governo civil d'este districto.

—Chegou a esta cidade, onde tenciona demorar-se algum tempo, a ex.ma sr.ª D. Maria Torrezão, uma das mais intelligentes e mais illustradas damas da sociedade lisbonense.

—Pelo nosso distincto amigo, o sr. dr. Ildefonso Marques Mano, digno professor do lyceu d'esta cidade, foi pedida em casamento a ex.ma sr.ª D. Margarida da Cunha, presada filha do sr. dr. Elmano da Cunha.

—A interessante e intelligente filhinha do nosso querido amigo e illustre deputado, sr. dr. Barbosa de Magalhães, já na quinta-feira ultima sahiu de casa pela primeira vez depois da sua longa e penosa enfermidade. Damos a noticia com prazer, estimando do coração que de todo se restabeleça em breve a gentil e sympathica creança.

—Acabam de regressar da sua viagem ao estrangeiro o nosso muito respeitavel amigo sr. Carlos de Faria, suas ex.mas esposa e filha.

Escolas superiores.—Dos rapazes d'Aveiro que actualmente frequentam cursos superiores já fizeram acto, ficando plenamente approvados: do 1.º anno de direito, o sr. Joaquim Simões Peixinho Junior, e do 4.º o nosso sympathico amigo, sr. Francisco Couceiro, que é, além d'um bello moço, um estudante distincto.

—No Porto terminou com distincção o 2.º anno da Escola Medico-Cirurgica, o sr. Agostinho Fontes. A todos, as nossas felicitações.

Posse.—Tomou hontem posse, no governo civil d'este districto, do logar de administrador do concelho da Mealhada, o nosso presado amigo, o sr. Augusto Cerveira e Serra, partindo para alli a assumir as suas funcções.

Prégador distincto.—Vae prégar á festividade de Salreu que alli se verifica ámanhã, o nosso muito considerado amigo, sr. Costa Nora. O talentoso orador está sendo muito convidado para as melhores festividades, e se podesse ser immenso muito mais trabalho teria. E' que o muito revd.º sr. Moysés da Costa é um orador sagrado muito distincto.

«O Conimbricense».—Este velho jornal deixa de ser redigido pelo seu erudito proprietario o sr. Joaquim Martins de Carvalho, porque o seu estado de saude o impede por algum tempo do trabalho que o subcarrega. Em vista d'isso alguns amigos do velho jornalista tomaram sobre si o encargo da redacção do periodico, que por esse modo não terá de suspender a sua publicação, o que seria muito para sentir. E'-nos grato, pois, poder dizer que o jornal continua, e ser-nos-ha mais agradavel ainda poder noticiar o completo restabelecimento do sr. Martins de Carvalho, e por conseguinte o seu regresso ao trabalho jornalistico—trabalho de que ninguem se desempenha com mais erudição e com mais nobre inteireza.

Sua Magestade El-Rei em Setubal.—Em 29.—Sua Magestade desembarcou hoje ás 10 horas da manhã, ouvindo missa na egreja da Annunciação, a convite dos pescadores. Tambem teve convite para ir á egreja de Jesus, mas Sua Magestade respondeu que viera a Setubal por causa dos pescadores, e por isso ao seu convite é que dava a preferencia. El-rei era esperado ao desembarque pelas auctoridades e muitas pessoas. El-rei e a sua comitiva foram a pé até á egreja, voltando de carruagem para o embarque. A's 4 horas da tarde voltou de bordo para assistir á corrida de touros em beneficio dos pescadores. O presidente da camara, acompanhando Sua Magestade á carruagem, levantou vivas a El-rei, á rainha sr.ª D. Amelia e ao sr. ministro da marinha, que foram correspondidos pelo povo. Todas as carruagens disponiveis iam cheias, fazendo cortejo á carruagem real. As ruas do transito estavam guarnecidas de postes com bandeiras.

Na praça de touros de D. Carlos tocavam tres bandas de musica. Corrida excellente, gado bom, muita ordem. A' sahida o mesmo acompanhamento até ao caes de embarque. O presidente da camara, ao despedir-se de El-rei, agradeceu em nome do povo setubalense a visita á cidade, sentindo que não tivesse vindo Sua Magestade a Rainha. Pediu que a Familia Real viesse para a torre do Outão passar a temporada de banhos. Esta noite, brilhante illuminação na Avenida, a gaz e á veneziana. Musica de caçadores. Fabricas illuminadas, apresentando aspecto deslumbrante a de Caucio & C.ª

Festividade.—Tem ámanhã logar na freguezia d'Esgueira a festividade do Corpo de Deus, que é alli feita sempre com o maximo explendor, constando de missa cantada, sermão e procissão.

Coração de Jesus.—A'manhã terá logar a festividade d'esta invocação na freguezia do Couto de Cocujães, concelho de Oliveira d'Azemeis. Fallaremos d'esta festividade em occasião opportuna.

Diversão.—A'manhã toca no coreto do jardim publico a phylarmenica *Amizade* as melhores peças do seu reportorio.

Festejos a S. Pedro.—Os que estavam projectados na rua de José Estevam ficáram addiados para domingo, 9 do corrente, e promettem ser explendidos.

Zarzuella.—Veio a esta cidade o representante d'uma excellente companhia de zarzuella hespanhola com o fim de contractar o theatro para uma serie de recitas.

Velocipedes.—Parece que vae haver em Aveiro um estabelecimento destinado á venda d'estes objectos, que estão hoje muito em moda para viagens de recreio. Bom é isso. E' bom que a nossa terra vá tendo um pouco de tudo.

Ciganos.—Para os lados de Esgueira, muito proximo da entrada da cidade, acampou hontem á noite um destacamento d'esse enorme exercito de desgraçados bohemios, expositores de nojentos ursos, de macacos repellentes, e de creanças miseraveis, que precorrem o mundo inteiro esmolando, roubando e assassinando até, fazendo aqui a sua entrada na manhã de hoje, e exibindo, a troco d'algumas moedas, toda a sorte de espectaculo barato por essas ruas. Estas creaturas, que causam lastima pela fome que revellam e pelos andrajos que vestem, fazem tambem o receio de muita gente que lhes conhece a raça e os instinctos e lhes teme a covardia e os impetos de fera. Ninguem os quer nas visinhanças; em toda a parte as auctoridades os expulsam, e ainda ha pouco em Anadia foi necessario chegar aos meios extremos para os affastar das proximidades.

A' policia da cidade cumpre fazer o mesmo, que é tal a rapacidade d'essa boa gente, que até chega a roubar creanças. Praticam estas proezas á propria luz do dia, não sendo já pequeno o numero das suas victimas. De noite salteiam, roubam, e matam se tanto fôr mister.

Ao sr. commissario de policia, vae com vista esta noticia. Decerto o sr. Victor tomará immediatamente as providencias que o caso pede, fazendo affastar para bem longe tão temerosa especie de visitantes. Consentil-os ahi horas sequer, será pôr em sobresalto toda a gente. Para bem longe os *forasteiros*, e sobre tudo muita vigilancia em que de noite se não introduzam ahi de novo.

Inspecções regionaes—Começam hoje, nos differentes districtos regionaes em que o paiz se divide, a inspecção de recrutas.

Policia correccional.—O digno Encommendado de Nariz respondeu hontem a uma policia correccional. Os seus inimigos descobriram uns repellões que elle em tempo, ha annos, déra n'uma mulher que lhe andava a roubar pinheiros, e trazendo para juizo esse peccado velho, obrigaram o honrado ecclesiastico a vir responder por isso em juizo. A condemnação foi apenas em multa. Defendeu-o o sr. dr. Marques Mano.

Transferencia de força.—Partiu hoje de manhã uma grande porção de praças do 10 para o 6 de cavallaria que está em Chaves. E' assim que se respeita o principio do recrutamento regional! De forma que os mancebos do districto d'Aveiro vão servir em Bragança, em Chaves, em Elvas, em Lisboa, em Villa Viçosa—em toda a parte em fim! Assim descrê-se de tudo e com fundamento.

Trabalho no mar.—Foi hontem de trabalho, mas a pesca foi em pequena quantidade. Sardinha, mas pouca. A que veio ao mercado vendeu-se hontem e hoje por 1$800 réis o milheiro. Hoje continua o serviço porque o mar é bom.

Exames.—Tem continuado no lyceu d'esta cidade os exames de instrucção secundaria. Não os houve hontem em latim por ter adoecido o professor, sr. padre Vieira.

Feira da Palhaça.—Realisou-se ante-hontem este importante mercado mensal, que esteve muito concorrido, realisando-se bastantes transacções em gado, cereaes e legumes.

A quem soffre de rupturas.—E' grande o mal que acompanha as pessoas que soffrem de hernias ou rupturas, pois que não andando acauteladas com fundas apropriadas ao mal, de um momento para outro podem deixar de existir. Uma funda menos apropriada ao mal póde até aggraval-o, desenvolvendo-o.

Livra-se d'isso quem procurar fundar-se apropriadamente e para isso não podemos deixar de aconselhar que procurem o estabelecimento do sr. **Antonio Teixeira da Motta,** rua de D. Pedro n.º 87—unico deposito de fundas nacionaes e estrangeiras no Porto.

E' uma das mais antigas casas d'aquella cidade e das mais acreditadas n'este genero. Aconselhamos que a procure quem tiver necessidade de uzar de fundas. Alli encontra-se alem de commodidade nos preços, a melhor boa fé e a mais scientifica applicação da funda apropriada. E porque sabemos isto de sciencia propria, assim o affirmamos. Vide o respectivo annuncio.

Noticias d'Estarreja.—Trabalha-se com bastante actividade na monda do arroz nos terrenos d'este concelho, empregando-se n'este serviço diariamente cerca do duas mil pessoas.

—E' numerosa a abundancia de fructa que tem affluido nos ultimos domingos ao mercado, mas nem por isso tem descido de preço a que se póde chamar boa. Outro tanto tem acontecido com a hortaliça e outros mais generos.

Noticias de Vianna.—Reuniram no escriptorio da Associação Fraternal dos Artistas Viannenses alguns cavalheiros da cidade, que, constituidos em commissão, devem accordar no modo de realisar as grandes festas d'Agonia.

—Entraram a barra, procedentes do Porto, tres lanchões com carregamento completo de trigo para a fabrica de moagens da cidade. Foram *rebocados até fóra da barra* pelo vapor *Galgo*, da casa Cowerley. Para a mesma fabrica tem ultimamente sido importadas cerca de 600 tonelladas do mesmo genero, e espera-se brevemente outro carregamento importante, pois que o consumo de farinhas é grande e o Minho produz pouco trigo.

A defeza da caça.—Sob esta epigraphe um collega nosso de Lisboa, escreve:

«E' do mais antigo uso a prohibição do exercicio da caça, desde o mez de março até ao dia 15 d'agosto. Esta justa prohibição, intuitiva mesmo aos estranhos ao divertimento venatorio, é de grande alcance, e portanto o cumprimento da lei impõe-se por si mesmo. Assim o comprehendeu o sr. governador civil, que ha annos tem suscitado a observancia da lei n'este sentido, adoptando sensatas medidas que, se de todo não teem conseguido acabar com os abusos dos imprudentes, teem comtudo melhorado a policia da caça, evitando assim que a caça seja agora destruida, sem proveito para ninguem, como ha annos succedia.

Ha, porém, concelhos onde a vigilancia não chega, e os curiosos caçam na epoca da defeza, como ainda o anno passado aconteceu nos concelhos de Cascaes, Cintra, e outros. E' de desejar que este anno não se repita a brutalidade. A caça n'esta epoca, além dos inconvenientes conhecidos, de perder a creação sem proveito nenhum, constitue um attentado contra as cearas, o que já tem sido motivo de graves conflictos. Ha ainda um outro abuso grave e que tem serios perigos. E' para elle que chamaremos especialmente a attenção das auctoridades dos differentes concelhos.

Certos individuos teem a má idéa de armar nos campos especie de ratoeiras de ferro, de grandes dimensões, que servem para apanhar os coelhos. Já tem acontecido cahirem n'estas armadilhas os cães de caça, que ficam com as pernas cortadas, e não está livre qualquer pessoa de cahir em tão estupida esparrela. Isto que se faz ahi nos campos com todo o descaramento, sem receio das auctoridades, principalmente na epoca de defeza, constitue um duplo attentado á lei.

Nós insistiremos sempre pela rigorosa manutenção das leis da caça, embora o assumpto não interesse, apparentemente, senão a uma parte do publico. Devemos considerar que da caça vive muita gente adoptando-a como mister e na caça encontram tambem bastantes pessoas o seu melhor passatempo. A codorniz é uma ave que só povoa os nossos campos na epoca precisamente da defeza. Parece-nos que a caça da codorniz não deverá ser prohibida, mas só da codorniz; e ainda assim, se esta excepção em tempos defezos pode dar logar ao commettimento de abusos, então que a prohibição se mantenha em absoluto.

Pedido justo.—A camara municipal da Figueira da Foz vae pedir ao governo o estabelecimento de uma cadeira de desenho industrial, promptificando-se a dar casa e subsidio para a sua installação.

Naufragio.—A barca portugueza *Dois Amigos*, de 300 toneladas, que seguia da Ilha de Maio para a de S. Thiago, com carregamento de milho, feijão e outras mercadorias, levando a seu bordo como tripulantes Domingos Leotina, João Mendes, Luiz Sabino dos Santos, e Pedro Jgnez e como passageiros, Miguel Quintino dos Santos, Henrique Ribeiro, José Annes Cardoso, Angela Tavares da Silva e Maria Iguez, todos de côr, e naturaes da Ilha de Maio, soffreu no principio d'este mez um grande temporal que lhe levou os mastros, estando toda a tripulação e passageiros duarante onze dias soffrendo os horrores da fome e da sede, e sem esperanças de escapar a uma morte angustiosa.

No dia 11, estando o barco proximo a submergir-se entre as duas ilhas, appareceu por felicidade n'aquellas alturas a barca russa *Impi* que salvou os pobres naufragos, conduzindo-os a Martianca, terra americana, de onde o consul francez os mandou conduzir para Bordeus, apresentando-se alli ao nosso consul, que lhes forneceu passagem a bordo do vapor *Orenoque*, no qual vieram para Lisboa. Os naufragos sahiram no dia 27 do Lazareto para o governo civil, onde os vimos. São typos perfeitissimos da raça africana, de uma côr retinta, feições regularissimas e de talhe perfeitamente modelado. Entre elles encontra-se uma creança de onze ou doze annos, muito galante e sympathica, apezar da sua côr, de um negro perfeitamente caracteristico. Apresentam-se vestidos regularmente e com muito asseio mas com os pés nús.

Irmãs da Missão.—A respeitavel superiora das Irmãs da Missão, de Lisboa, recebeu ha dias uma felicitação e louvor official pelos grandes serviços que essas benemeritas mulheres teem prestado no districto de Lourenço Marques.

A associação das Irmãs da Missão teve origem em França, e as que se acham de serviço em Portugal estão sujeitas aos nossos prelados e são missionarias do real padroado. Estão ao serviço de Portugal 120, sendo 67 portuguezas, *34 francezas, 8 irlandezas*, 5 alsacianas, 2 italianas, 1 allemã e 1 americana. Estas 120 Irmãs estão divididas pelas seguintes casas: Lisboa, S. Patricio, Carnide e Luz, Braga, Guimarães, e Vianna do Castello. Na Africa occidental: Mossamedes, Huilla e Caconda. Na Africa oriental: Lourenço Marques e Bolama. Nos Açores: S. Miguel.

Em 1892 trataram no hospital de Lourenço Marques 4:045 doentes. Tiveram nos collegios 43 alumnas internas e 263 externas. Nos asylos 94 orphãos e nas missões 277 raparigas indigenas internas.

O café do Brazil.—Em 19 de junho os *stocks* de café eram no Rio de Janeiro de 109:000 saccas e em Santos de 35:000, um total de 144:000 saccas. Durante a semana finda n'aquella data as expedições foram de 100:000 saccas, sendo 6:000 do Rio para a Europa, para os Estados-Unidos nullas; e de Santos para a Europa 64:000, e para os Estados-Unidos 30:000.

Má sorte.—A marinha ingleza não está em sorte. Na madrugada de 26 incendiou-se o navio inglez *Nelson*, que estava surto no porto de Bilbau. O fogo desenvolveu-se com tão grande violencia, que foi impossivel dominal-o. O *Nelson* foi arrojado á praia, onde ardeu completamente. Morreu um marinheiro e ficaram dois muito feridos e queimados. Os prejuizos são calculados em mais de 30:000 duros.

Caminhos de ferro em Africa.—Diz o *Times* que, segundo uma communicação recebida da cidade do Cabo, serão abertas á circulação no fim do proximo mez de julho ou principios de agosto, 75 milhas do caminho de ferro da Beira,

Bombeiros Voluntarios d'Ilhavo. —Continuamos a dar publicação das prendas offerecidas para o bazar dos bombeiros voluntarios ilhavenses:

Roza Moça, dois ramos de flôres artificiaes; Joaquim Augusto Novaes, uma fruteira de vidro; D. Alice Novaes, um par de jarras; Reynaldo de Oliveira Craveiro, quatro alfinetes de prata para gravata; Antonio Simões Chuva, o Anjo, um babeiro d'oleado; D. Maria Augusta da Graça, duas ventarolas, uma de palha e outra de papel, um descanço para relogio e um paliteiro; Anna do Veu, dois paliteiros e uma algibeira; Maria Joanna Bolé, um jarro; Conceição Bolé, uma chicara e um pires; Joaquim Marques Machado, um córte de calça de cazimira; João Thomaz da Rocha, 2$000 réis; Manuel Maria Ferreira, uma palmatoria de metal, uma cigarreira de palha e um cinzeiro de vidro; Daniel Augusto Regalla e D. Anna Pereira Duarte Regalla, um annuario perpetuo, um pratinho para copos, um cinzeiro de vidro, um thermometro, dois sabonetes, uma garrafa de vidro, tendo um pequenino navio dentro, uma caixa para pós d'arroz, um quadro com espelhos, um limpa-pennas e duas estatuetas; Daniel Augusto Regalla e Manuel Maria Ferreira, um quadro; Annunciação Rocha, uma caixa feita com busios; Roza Coutinho, uma jarra; Exmo Duarte Ferreira Pinto Basto, 75 peças de porcellana, sendo: 26 paliteiros, 3 banheiras, 2 phosphoreiras, 2 cestos, 2 calca-papeis, 4 amores perfeitos, 4 pares de vasos, 13 cinzeiros, 7 figuras, 5 bilheteiras e 2 Imagens de Santos; Exmo Alberto Ferreira Pinto Basto, 17 peças de porcellana, sendo 5 cinzeiros e 12 paliteiros; Dr. José Gonçalves Vieira Malaquias, uma caixa de madeira para estampilhas, um tinteiro, uma faca de cortar papel e 3 agulheiros, tudo de madeira; Maria Gonçalves Vieira, dois leques e duas phosphoreiras de madeira; Joanna Roza da Conceição da Rocha, um merendeiro de verga, 3 sadts de surpreza e uma caixa com brinquedos; Emilia Roza de Jesus, um merendeiro de verga, 3 sabonetes, dois pares de botões para punhos e uma sacca de papelão; Dr. Barbosa do Bocage (deputado), 4 caixilhos para retratos, 3 carteiras para notas, duas bilheteiras, dois copos de metal para viagem, uma caixa para pós d'arroz, seis pratinhos para copos, quatro cinzeiros, tres leques e um espelho; Manuel Ferreira da Cunha, uma garrafa de licôr de lima, um frasco com elixir anti-odontalgico e uma gravata; Felicidade Guerra e Silva, uma garrafa d'agoa de Collonia; Conceição Clara, uma chavena e pires de louça (americana) e um par de meias para creança; João Pereira Novo, o Maio, 4 capachos e uma garrafa de vinho; Conselheiro José Ferreira da Cunha, uma jardineira e dois pares de vasos; Pompilio Rodrigues Franco, uma redoma com um presepio; Josepha Roza Esmerada, uma malga e prato de faiança; José Domingues Largo, o Imaginario Junior, um cinzeiro, tres paliteiros e dois vasos para flôres; Josepha Roza Malaquias, dois ramos de flôres artificiaes; Maria Carolla d'Oliveira da Velha, uma travessa, chavena e pires de faiança; Alexandre Marques, uma garrafa de vinho do Porto; Joanna Paschoa, um par de vasos pequenos de porcellana e uma cabaça de vidro preto; Manuel da Bomsucessa, um paliteiro de porcellana; Ruy da Magdalena, um par de jarras pequenas de porcellana; Rita Calloa, uma garrafa de vinho do Porto; Anselmo Francisco Corujo, uma caixa de sabonetes; Maria Roza do Anjo, duas flôres de lã e um sabonete; Delphina Carvalho, dois ramos de flôres artificiaes; Adosinda Fernandes Senos, dois pares de chinellos de liga e uma garrafa de vinho do Porto; Maria Carlota Fernandes, uma botija de genebra; Rita Pauzeira, um enchalavar de rede; Manuel Tavares d'Almeida Maia, uma bomba para jardim, um livro (Ensaios de Renato Franto), um tapete para jardineira e uma caixa de papel e subscriptos de phantasia; Domingos Gomes Vieira, uma compoteira de vidro; João Monica, um paliteiro de porcellana; Ignacio do Bem Verdade, uma chavena e pires de faiança; Maria Antonia Salgueiro, um ramo de flôres artificiaes; Luiza Rocha da Graça, uma camisa para creança; Mathilde da Graça Guerra, umas calças para creança; Victorina da Graça Rocha, uma algibeira; José dos Santos Patoilo, dois etageres e um busto de José Estevão; Manuel Netto, uma garrafa de vinho do Porto; Manuel Sarrico, uma garrafa de vinho do Porto; José Lourenço Catharino, uma gaiola; Conselheiro José da Rocha Fradinho, um panno para meza, tres pannos de meza de cabeceira, 6 pares de tapetes para castiçaes, tres pares de jarras pequenas, 2 bilheteiras, dois copos de casquinha, 3 pares de carapins, duas suspensões para papeis e um tapete para candieiro; Manuel Cavada, uma palmatoria de porcellana; D. Maria José Alcoforado Maia, D. Maria Henriqueta da Maia Alcoforado Cerveira e dr. Antonio Frederico de Moraes Cerveira, um par de jarras de vidro, um floreiro de vidro, meia duzia de pennas com cabo de madeira, dois paliteiros com figuras, um descanço de madeira para relogio, 6 agulheiros de madeira, duas phosphoreiras de madeira, uma palmatoria de cobre, tres leques, uma caixa de madeira, duas annelleiras de madeira, um corbeille de cristal e uma phosphoreira de cobre; D. Maria Ignez Champalionaut Duff, um cesto de verga com flôres artificiaes, um panno de meza de cabeceira, uma pasta de setim, uma touca d'algodão, uma balança pesa-cartas, uma pregadeira de setim, um par de jarras, dois copos de madeira, duas caixas de sabonetes, duas estampas e um lenço de cambraia bordado a retroz; Manuel d'Oliveira da Quininha, um navio dentro d'um quadro.

(*Continua.*)

Inspecções militares —Damos em seguida a conclusão da nota dos officiaes e facultativos militares, nomeados para constituirem as juntas de inspecção dos mancebos recenseados nos differentes districtos do reino, e cujo principio nos deu noticia o nosso solicito correspondente da capital, na sua ultima carta:

Bragança. — Presidente, tenente coronel Izidro da Cruz Maltez; cirurgião-mór, Alexandre Almeida Barbosa Campo; cirurgião ajudante, Joaquim Francisco Vieira, todos do regimento de caçadores 3.

Leiria. — Presidente, tenente coronel Antonio Simões de Carvalho Vivaldo; cirurgião-mór, Adriano Correia Outeiro Montenegro; cirurgião ajudante, Francisco Antonio dos Reis, todos do regimento de caçadores numero 6.

Lisboa, séde Lisboa (n.º 3).—Presidente, tenente coronel José Augusto da Costa Monteiro; cirurgião-mór, Augusto Maria da Costa; cirurgião ajudante, José Gomes Ribeiro, todos do regimento n.º 1 de infanteria da Rainha.

Lisboa, séde Lisboa (n.º 2).— Presidente, tenente coronel Cesar Augusto Kuchembuck dos Prazeres; cirurgião-mór, Eduardo José Pessoa; cirurgião ajudante, Ignacio França, todos do regimento de caçadores 2.

Lisboa, séde Lisboa (n.º 3).—Presidente, tenente coronel João Velloso de Azevedo Coutinho; cirurgião-mór, Abel da Silva; cirurgião ajudante, Manuel Justino Ferraz de Azevedo, todos do regimento de infanteria 5.

Lisboa, séde Setubal. — Presidente, tenente coronel João Pedro Soares Luna; cirurgião-mór, Apparicio Alberto Fernandes Calheiros; cirurgião ajudante, Manuel Ferreira Bairrão Ruivo, todos do regimento de caçadores numero 1.

Vizeu, séde Lamego. — Presidente, tenente coronel de infanteria 9, Antonio Augusto Pinto de Magalhães; cirurgião ajudante do mesmo regimento, João Pinto Ribeiro; cirurgião ajudante de cavallaria 6, Arnaldo Pacheco Dias Torres.

Vizeu, séde Vizeu. — Presidente, tenente coronel de infanteria 14, Luiz de Castro Borges e Mello, cirurgião ajudante do mesmo regimento, José Lopes Simões Diniz; cirurgião ajudante do quadro, Joaquim Augusto d'Almeida Ferreira.

Vizeu, séde Santa Comba Dão. — Presidente, tenente coronel de estado maior de infanteria, Arnaldo Belizario Barbosa; cirurgião ajudante da brigada de artilheria de montanha, Alfredo Augusto Leal; cirurgião ajudante de cavallaria 10, Abilio Albuquerque da Fonseca e Sousa.

A fallencia Brothers. —O passivo d'esta casa monta a réis 500:000$000, devidos quasi todos a lavradores do Douro e a negociantes do Porto e Villa Nova de Gaya. Era uma das casas de maior movimento commercial do Porto e que gozou sempre de muito credito. Esta casa suspen. de pagamentos agora pela terceira vez.

A questão de momento.— As ordens religiosas.—Acaba de ser publicada a 1.ª conferencia da serie que o erudito e distincto professor do Curso Superior de Letras, sr. F. Adolpho Coelho, está fazendo na sociedade de Geographia de Lisboa, e que tanto têem prendido a attenção de todos quantos se interessam pelo futuro de Portugal.

A 2.ª e seguintes conferencias, serão publicadas successivamente, pela Companhia Nacional Editora, a primeira e mais notavel *empreza editora* da Peninsula. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado. Esta obra está á venda em todas as livrarias; preço 100 réis.

A Moda.—Do ultimo numero da *Moda Illustrada* transcrevemos o que segue:

Quando se chega a esta epoca do estio, e que se trata das *toilettes* que se hão de levar para o campo, para as estações de aguas ou para as praias, é que se veem as grandes novidades das modas de verão. Como n'estes trajos ha sempre mais abundancia de cores do que nos trajos para a cidade, e os feitios são mais arrojados, as modistas seguem muitas vezes mais a sua phantasia do que os modelos que teem para se guiar. Ora se isto acontecia d'antes, o que será este anno, em que as modas exaggeradas que se usam se prestam a excentricidades que d'antes nos fariam fugir, ao passo que hoje são tidas pela suprema elegancia? Os foulards e todas as sedas leves, teem agora o seu reinado e formam esses bonitos vestidos de saias afuniladas, cahindo em abundantes canudos, curtas, airosas, deixando os movimentos livres, ondulando graciosamente com o andar.

Os corpos é que, apesar de se ir costumando o nosso olhar ás mangas de largas dimensões, aos folhos, rendas, tufos que adornam as hombreiras e envolvem o pescoço, não podemos, por ora, deixar de os achar feios, porque, com a immensa largura que teem, tiram a harmonia ao resto do vestuario. Como a moda é presentemente de uma condescendencia admiravel, não impõe como obrigação usar-se um outro feitio, e por isso vemos ao lado d'estes *costumes* cheios de enfeites e guarnições, trajos simples, saias apenas ornadas com viéses, ou um folhinho á borda, e a commoda camisette de surah presa por um cinto de fita que se ata na frente, no lado, ou atraz, conforme o gosto da pessoa que o usa.

Vêem-se muito nos trajos para meninas, que são feitos, em tecidos de côr escura, os cintos de seda branca. E' uma novidade, e como tal agrada, ficando bem com os corpos franzidos. Parecem as cinturas mais delgadas.

Começam-se a vêr alguns corpos com abas, mas não como d'antes se usavam. As abas são postiças e cortam-se no mesmo genero das saias *rotondes*. Chamam-lhes os francezes *abat-jour* por terem quasi aquelle feitio.

Ficam completamente lizos em volta da cintura, cahindo depois em abundantes canudos sobre a saia.

Grande abalroamento — O couraçado «Victoria» a pique—422 victimas. — Apenas em Londres se soube a noticia da medonha catastrophe que fez sossobrar o couraçado *Victoria*, originando a morte a 422 homens da sua tripulação,—muita gente correu ás repartições do Almirantado inglez, pedindo promenores. A bordo do *Victoria* navegavam marinheiros de brilhante historia e pertencentes ás principaes familias. O almirante Tryon era muito popular, e havia alcançado grande renome por suas gloriosas emprezas maritimas. As noticias confirmaram-se infelizmente, em todos os seus horriveis detalhes. Estáse em presença d'um dos mais terriveis sinistros maritimos de que ha memoria de nossos dias. A esquadra britannica que fôra mandada percorrer as costas de Africa, achava-se no porto de Tripoli. Na manhã do dia 23 o almirante Tryon ordenou que os navios que compõem a esquadra sahissem a manobrar. Formando uma extensa linha ao largo, e cerca do porto, a esquadra britannica começou a menobra do combate. De repente, e em parte dos navios que estavam proximo do *Victoria*, ouviu-se uma explosão.

Não se sabe ainda com certeza de onde foi, mas presume-se com fundamento pelo que succedeu immediatamente depois. Navegava nas mesmas aguas do *Victoria* o couraçado *Camperdown*. Ao ouvir-se a explosão o *Victoria* deteve-se, sem duvida porque alguma das suas caldeiras ao rebentar fez parar a machina. O *Camperdown*, que ia á pôpa d'aquelle, não foi senhor da sua velocidade, e cahiu com a sua enorme e poderosa massa sobre o *Victoria*, parado e collocado de través, apresentando a parte de estibordo á linha de marcha do outro couraçado. O *Camperdown* chegou ao costado do *Victoria*, e com formidavel impulso cahiu sobre o couraçado, enterrando-lhe profundamente o esporão. Tão violento e indescriptivel foi o impulso *que deu ao Camperdown a sua velocidade*, que no momento do choque saltaram faiscas da couraça atravessada do *Victoria*. O movimento de retrocesso que fez o *Camperdown*, separou-o do *Victoria*. Este tinha grande parte do costado de estibordo furado, apresentando um enorme buraco pelo qual entrava o mar em massa impossivel de conter. O que succedeu logo depois do choque a bordo do *Victoria*, é ao mesmo tempo pagina horrenda e gloriosa da marinha britannica.

O almirante Tryon, com bravura e serenidade heroica, organisou logo o salvamento do seu navio. O esporão do *Camperdown* furara os compartimentos longitudinaes do *Victoria*, e a quantidade d'agua que lhe entrou para dentro foi tamanha, que o navio cahiu de estibordo, chegando a apresentar a quilha fóra d'agua, e tudo isto com tamanha rapidez que, nem do *Camperdown*, nem dos outros navios da esquadra foi possivel organisar qualquer auxilio nos doze minutos que levou o *Victoria* a afundar-se e a desapparecer de todo. Apesar de ter-se no *Victoria* consciencia da impossibilidade do salvamento do couraçado, nem um só instante deixou de haver a bordo a mais severa disciplina. O almirante Tryon deu por perdido o seu navio e ordenou a transladação da sua gente para os outros navios que iam mandando as suas embarcações menores, chegando primeiro as do *Camperdown*, que se achava a poucas braças.

O trasbordo começou com admiravel precisão e ordem. Nunca, como n'aquelle momento supremo, se viu a impassibilidade ingleza deante da morte cada vez mais certa, a cada segundo que se passava. Nem uma só voz que revelasse impaciencia ou mostrasse tendencia á rebelião, aguilhoados os individuos pelo instincto da conservação; nem um grito, além da serena voz do almirante, transmittida pelos officiaes ás secções que embarcavam com toda a ordem compativel com a posição do navio. Assim foram sahindo durante doze minutos, embarcando 255 homens. Ficavam ainda a bordo 400, incluindo o almirante Tryon e 21 officiaes.

Passados que foram doze minutos, no meio d'um grande silencio só interrompido pelo ruido do mar, que entrava cada vez em maior quantidade para dentro do *Victoria*, accentuou o couraçado a inclinação para estibordo e começou a desapparecer. Até ao ultimo momento poude vêr-se o bravo almirante Tryon sustentando-se com difficuldade sobre a ponte do seu navio, e ordenando o já impossivel embarque dos quatrocentos homens que ainda tinha a bordo. N'esta gloriosa e heroica attitude o surprehendeu a submersão do couraçado, que desappareceu totalmente debaixo das aguas e em 168 braças de profundidade. No enorme torvelinho do couraçado ao descer, desappareceram o heroico almirante, os 21 officiaes e os 400 homens da tripulação. E um momento depois não havia sobre a superficie revolta que cobria o *Victoria*, mais do que as embarcações dos outros barcos que buscavam naufragos inutilmente, e o *Camperdown* já immovel no logar do tragico desastre. Só se salvaram 255 homens da tripulação do *Victoria*, que foram mandados para o deposito de marinha de Malta.

O *Victoria* era um dos mais formosos barcos da marinha ingleza. Fôra construido em 1887. Era armado em fragata, casco de aço, fundo duplo, compartimentos transversaes e longitudinaes nos dois costados, e rectos na pôpa e na prôa. O seu armamento era formidavel e consistia em torres com reductos fortificados. A altura do posto superior era de tres metros. A couraça media 50 metros de compartimento. O barco tinha de comprimento 49 metros e meio. Possuia duas machinas independentes, de triplice expansão; oito caldeiras, dois helices e duas chaminés. A força da machina era de 14:244 cavallos. Desbocava 10:490 toneladas. A velocidade era de 17 nós por hora. Tinha 41 canhões e 8 tubos de lançar torpedos. O estado de conservação do *Victoria* era perfeito, e quantos conheciam este couraçado affirmam que era uma das maiores maravilhas da architectura naval.

O *Camperdown* que originou a catastrophe foi construido em 1885. Desloca 10:000 tonelladas. A machina é da força de 11:890 cavallos, e attinge uma velocidade de 17 nós por hora. A sua tripulação é de 490 homens.

Em Londres a imprensa está organisando grandes subscripções publicas para soccorrer as pobres familias das victimas do *Victoria*. Em *Mansion house* abriu-se uma suscripção: as listas encheram-se de nomes. Os resultados devem ser enormes.

— O consul da Grã-Bretanha em Tripoli deu ordens para que sejam recolhidos os cadaveres dos tripulantes, afim de que recebam sepultura. As lanchas dos navios que compõem a esquadra do Mediterraneo percorrem a costa, recolhendo os mortos.

— A sessão da camara dos communs em que o sr. Gladstone deu conta do sinistro, foi verdadeiramente commovedora. O sr. Gladstone de pé, e com os olhos marejados de lagrimas, deu conta do occorrido. A consternação da camara era indiscriptivel.

— O imperador da Allemanha no seu telegramma ao duque de Edimburgo dizia o seguinte:

> «Não encontro phrases para exprimir o horror que me causou a terrivel noticia do naufragio do *Victoria* e da morte de Tryon. Todos nós compartilhamos o profundo pezar dos chefes da marinha britannica, para prova do que a vossa bandeira fluctua ao lado da nossa, a meio pau, nos mastros, por ordem minha.—*Guilherme imperator rex.*»

O duque de Edimburgo respondeu o seguinte a Guilherme II:

> «A armada e a nação britannicas agradecem profundamente as sympathias expressas por V. M. I. e R. e pelos nossos irmãos os officiaes da marinha allemã, por occasião d'este grande desastre.—*Alfredo.*»

*

Roma, 25, manhã.—O rei Humberto dirigiu á rainha Victoria de Inglaterra um telegramma particular de sentimentos pela catastrophe do couraçado *Victoria*.

Londres, 26, manhã.—Todos os jornaes inglezes exprimem o seu reconhecimento aos testemunhos de sympathia dirigidos ao almirantado pelas nações estrangeiras com respeito ao naufragio do couraçado *Victoria*.

— O modelo do couraçado *Victoria*, que está em Chicago, tem chamado a attenção geral dos visitantes da exposição. Em frente d'elle a multidão agglomera-se constantemente. As bandeiras que encimam os edificios irlandezes, canadianos, da colonia de Victoria e da Nova Galles do Sul estão cobertas de crepes. O presidente da republica, sr. Cleveland, dirigiu á rainha Victoria, de Inglaterra, um telegramma manifestando-lhe o sentimento do povo norte-americano pela terrivel desgraça que acaba de enlutar a marinha ingleza.

— A rainha Victoria figura com o donativo de 200 libras sterlinas, na cabeça da lista da subscripção a favor das familias dos marinheiros que morrerram no naufragio do *Victoria*.

— De Londres partiu já para Malta um alto funccionario de *Board of Trad*, afim de fazer uma syndicancia ao naufragio do *Victoria*. Uma vez terminada essa syndicancia, o contra-almirante Markam e os officiaes do *Camperdown* responderão a um conselho de guerra como causadores da perda do couraçado e de tantas vidas.

— A fragata *Colossus*, que faz parte da esquadra do Mediterraneo, fundeou ha dias no porto de *La Valleta*. O commandante dirigiu para Londres, ao almirantado, um telegramma, com 60 nomes dos marinheiros e grumetes que pertenciam á tripulação do *Victoria*, eque se não achavam a bordo na occasião da catastrophe, o que torna menos numeroso o numero das victimas.

Os anarchistas em Hespanha.—O juiz instructor Lopez Sáa foi o encarregado do summario para o esclarecimento do criminoso attentado que teve logar no dia 20 do corrente mez, na rua de Serrano. Lopez Sáa, na direcção que quer imprimir aos seus trabalhos não procurou só os immediatos auctores do attentado, procurou tambem saber se haveria algum plano no *complot* anarchista. Para esse fim Lopez Sáa, o fiscal da Audiencia, Cardoba e o escrivão Mazorra conferenciaram detidamente com o governador civil Aguilera. D'esta conferencia, tanto o juiz como o governador, resolveram que houvesse uma grande reserva e uma extraordinaria actividade nos seus trabalhos.

Francisco Suarez, que, como os nossos leitores sabem era o que acompanhava Francisco Ruiz, quando explodiu o petardo, fez declarações importantes. Parece que no dia 19 celebraram um banquete nos Quatro Caminhos varios anarchistas, e que n'elle fallaram do estado de miseria em que se encontram os operarios de quasi todas as regiões de Hespanha, do progresso das ideias e das associações anarchistas, e por ultimo da necessidade de darem signaes de vida, que sendo o que são, e não se propondo a alcançar o poder, nem a ganhar eleições, nem nenhuma classe de manifestações politicas, deviam dirigir-se no sentido de utilisar explosivos, não para matar ninguem, mas para produzir um grande alarme em Madrid. Instado para que désse mais detalhes sobre a verdadeira ou supposta campanha anarchista, Suarez negou-se absolutamente a dar mais esclarecimentos, affirmando, com energia, que nem elle nem o morto, Francisco Roiz, pensaram, sequer, em lançar a bomba dentro do jardim do sr. Canovas del Castillo. Francisco Suarez incorreu em varias contradicções, todas de grande importancia. Confessou tambem que tanto elle como Francisce Ruiz, e outro companheiro anarchista chamado Joaquim Luiz Olivnes, o que fugiu e que ainda não foi encontrado, passearam juntos aquella tarde pelo bairro da Prosperidade. Disse que Ruiz levava uma bomba explosiva, cujo contheúdo ignorava, para fazel-a rebentar junto do jardim do palacio de Canovas ou lançal-a por cima d'um tapume para dentro d'uns quintaes. Já de noite, e quando não passava ninguem por aquelles sitios dispozeram-se a fazel-a rebentar. Esta, porém, tinha a mecha muito curta e, quando Francisco Ruiz approximou d'ella a ponta do cigarro, ardeu com tal rapidez, que a bomba explodiu nas mãos do anarchista, que cahiu morto repentinamente. Declarou mais que foram elles que dispararam ha tempos outro petardo na praça do Oriente. O preso deu entrada no Carcere Modelo.

Francisco Ruiz vivia em uma povoação proxima de Madrid chamada Tetuan, com sua familia. A auctoridade apresentou-se em casa do anarchista e entregou á mulher um mandado judicial, para esta lhe facilitar todos os documentos que alli se encontrassem. A mulher accedeu immediatamente, e em quanto se effectuava a busca, parece que o delegado reconheceu que nem a mulher de Ruis nem seus filhos tinham a menor noticia do occorrido na rua de Serrano. A mulher respondia tranquilla a todas as perguntas que lhe eram feitas, e os pequenos cantavam e brincavam. Evidentemente aquelles infelizes ignoravam a tragica morte de Ruiz. A mulher disse que seu marido se tinha deitado a noite passada ás horas do costume e que acabava de sahir quando chegou a auctoridade. Esta apoderou-se de numerosa correspondencia, da qual se conclue que Ruiz andava preparando com varios anarchistas de Barcelona, Valencia e outras cidades, uma vasta conspiração.

A autopsia effectuou-se no dia 21 á tarde. Parece que se encontraram em algumas das feridas do cadaver, fragmentos da garrafa que continha o explosivo. Circumstancia importante que os medicos Samanigo e Alonso Martinez conseguiram apurar: Ruiz devia ter a garrafa na mão direita ao rebentar, e a explosão devia produzir-se na occasião de soprar á mecha quando verificava se estaria accesa.

O petardo, ou para melhor dizer os restos do petardo, foram recolhidos e levados para o laboratorio municipal, afim de serem analysados. A'cêrca da natureza do explosivo, crêem alguns que seria polvora, emquanto que outros, talvez com mais fundamento, suspeitam que fosse nitro-glicerina. As grandes lesões causadas a Francisco Ruiz, e a consideravel distancia a que foi arrojada a mão e parte do antebraço, accusam uma força expansiva mais propria da nitro-glicerina, do que da polvora.

Além das prisões que se effectuaram no dia 21, foram detidos até á madrugada do dia 22 mais os seguintes anarchistas: D. Dyonisio de los Rios, proprietario da typographia onde se imprimem *A Anarchia e El Cencorro* Ernesto Alvarez, director de *A Anarchia*. Damien Castillo, director de *El Cencerro*. Cecilio Zamozano Lopez e Vicente Fernandez de la Calle. As declarações de todos estes dão muito pouca luz n'este processo. A sentença de Garcia de la Pedrosa, praticante da pharmacia Moreno Miquel, effectuou-se por ter sido encontrado, em um dos bolsos de Francisco Ruiz, uma carta em que convidavam Pedroso para o banquete que celebraram os anarchistas nos Quatro Caminhos; parece comtudo que Pedrosa, longe de ser um homem temivel, é um infeliz perturbado por certas leituras que não tem podido digerir.

Teem sido infructiferas as investigações feitas pela policia para descobrir ramificações que podessem ter em Barcelona os successos occorridos em Madrid, na rua de Serrano. Ha tempos que se nota em Barcelona a ausencia dos principaes anarchistas.

A policia procedeu a uma busca na rua de Jesus del Valle, n.º 40, encontrando varios documentos e cartas de conhecidos anarchistas. Foi alli detido um individuo. No dia 22 de madrugada ainda não tinha sido preso Joaquim Luiz Olives. Em poder da policia está uma lista de 15 ou 20 nomes de individuos que secundavam os planos de Ruiz. Esta lista foi encontrada nos bolsos de Soarez.

Sevilha, 25, m.—Hontem á noite rebentou um petardo á entrada d'uma casa da rua de S. Clemente, n'esta cidade. A explosão destruiu a porta, e a escada, não causando felizmente nenhuma desgraça pessoal.

A' porta d'um rico proprietario foi encontrada uma garrafa cheia de um liquido explosivo, com um rastilho meio ardido, que não exploziu.

CONFERENCIAS

ASSUMPTO AGRICOLA

Realisou-se na terça-feira, como estava annunciado, a conferencia do illutre agronomo francez sr. Louis Grandeau, na Sociedade de Geographia. Era numeroso o auditorio e dos mais escolhidos. Via-se na sala da Sociedade, além de s. ex.ª o ministro das obras publicas e do sr. conselheiro Elvino de Brito, director geral da agricultura— os agronomos que se acham em Lisboa, grandes proprietarios como os srs. D. José de Saldanha e José Maria dos Santos; professor de diversas escolas; engenheiros; membros da imprensa, etc.

A's 9 horas em ponto o sr. Grandeau foi tomar assento na meza da presidencia, e deante d'uma sala completamente cheia, encetou a sua conferencia ácerca da cultura do trigo em Portugal e em França.

Começou primeiro por dizer que em 1889, na Exposição Universal de Paris, lhe havia causado vivissima admiração o elegante pavilhão portuguez destinado á agricultura. E que as suas sympathias n'esse anno redobraram para com o nosso paiz. (Digamos de passagem que esse pavilhão foi ornamentado e installado pelo eminente artista sr. Raphael Bordallo Pinheiro.) N'esse anno ainda o conferente conhecia muito pouco Portugal. Conhecia é verdade os homens distinctos que foram a Paris á Exposição, e com elles havia travado estreitas relações de amisade; mas não conhecia o paiz. Agora que aqui veiu encontrou uma legião de amigos. E d'ella leva para a França recordação inolvidavel. E não quiz perder a occasião de lhes agradecer publicamente as attenções que lhe dispensaram, e de prestar homenagem ao talento e ao estudo dos nossos agronomos, á Sociedade de Geographia, e á Real Associação de Agricultura.

Para fazer uma conferencia em Lisboa achou que o melhor assumpto era a questão do trigo; é a mais importante não só em Portugal e em França, mas em toda a parte, porque n'ella se resume a vida humana inteira. Tanto em Portugal como em França, esta questão é de todas a mais atrazada. Ainda lhe não prestaram a attenção que lhe é devida.

Nós somos todos mais ou menos tributarios dos Estados-Unidos. Ora é preciso libertarmo-nos d'esta terrivel necessidade de comprar trigo no estrangeiro. E aqui está a rasão porque a questão do trigo lhe pareceu ser o assumpto preferido.

A média geral da producção do trigo em Portugal é de 13 a 14 hectolitros por hectar; e em França é approximadamente de 16. Estão pois os dois paizes em quasi identicas circumstancias. Esta média é insufficientissima para o abastecimento geral da população. E' pois indispensavel augmentar a producção da terra.

Nas culturas ha que attender ás condições locaes, e ás condições geraes. A cultura e a producção do trigo, são, acima de tudo, uma questão de nutrição. E' preciso pois ou encontrar o torrão, ou preparar o torrão onde a planta se produza em maior grau.

Ha condições *interiores* e condições *exteriores* que são favoraveis ao desenvolvimento e opulencia da planta. As condições *exteriores* são muito variaveis, porque dependem do clima, da athmosphera, etc. As condições *interiores* que podem e devem ser constantemente aperfeiçoadas, são as que dizem respeito ao terreno, á semente, á semeadura e á adubagem.

E' preciso que em certas regiões de Portugal e tambem em algumas da França se passe d'uma producção minima de 5 a 6 hectolitros de trigo por hectar, á cultura de 13 e 14 hectolitros. Para se chegar a este resultado é preciso fazer a cultura em bom terre-

---

127 FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIV PARTE

DRAMA DE FAMILIA

III

UMA SCENA DA VIDA REAL
TRANSPLANTADA PARA O ROMANCE

Quando Cesar ficou só no gabinete de Marte, dirigiu em redor um olhar investigador.

Pensava na fuga. Lisette fazia-lhe medo, porque sabia a historia d'elle; mas o quarto do Deus Marte não tinha outra sahida senão a porta de entrada, detraz da qual estaba Lisette, e peor ainda, o terrivel agente de politica. Cesar resignou-se a falsificar as cartas. Uma hora depois, tinha concluido. Quando sahiu do gabinete de Marte, viu Lisette, que tomava café com o agente de policia. Houve um momento em que pensou que aquella mulher, depois de lhe ter feito escrever as cartas, ia denuncial-o. Lisette fez-lhe signal que se aproximasse. Cesar vacillou, mas vendo que ella lhe repetia o signal, acercou-se.

— Acabou?—perguntou Lisette.

— Aqui estão.

Lisette comparou a letra, leu o contheudo, e disse:

— Perfeitamente.

E depois de guardar tudo continuou.

— Agora, meu querido sr. Bomdia, desejo-lhe boa viagem; parte amanhã, não é verdade?

— Sem falta nenhuma.

E Lisette offereceu a mão a Cesar, em signal de despedida.

Quanto a Schauf, saudou gravemente com o gesto. Cesar fez a despedida o mais curta possivel. Estava ancioso por se vêr livre do frio olhar do agente de policia, e do sorriso de Lisette. Ao sahir do *Restaurante dos Tres Meninos Gordos* tomou as precauções proprias de quem teme ser surprehendido. Depois, observando que ninguem o seguia, fez parar um trem e dirigiu-se para casa. Schuf continuou tomando café, com a sua alegre companheira, sem saber o que se tinha passado nem haver comprehendido uma palavra. Tinha desempenhado, sem saber, um papel importante.

……

A' mesma hora em que no *Restaurante dos Tres Meninos Gordos* tinham logar as scenas que narrámos, outra, não menos interessante, se passava no quarto de Lisette, entre Fanny e Raphael. Fanny estava mais pallida que de costume, e os seus formosos olhos encarnados pelo pranto e o peito agitado pelo nenhum socego da consciencia, demonstravam claramente o estado em que ella se encontrava.

— Ah! Raphael! — dizia a esposa criminosa — desde que esse homem maldito se apresentou aqui vendendo-me as cartas que eu te havia escripto, cartas onde a minha alma estampou as suas impressões, tudo me sobresalta, tudo me assusta.

— Vamos, tranquillisa-te, Fanny: eu hei de encontrar esse homem e arrancar-lhe a lingua para que não mais venda o nosso segredo.

— Mas se antes d'isso chegar meu marido?... Deve estar de volta d'um momento para outro.

— Succeda o que succeder, não te abandonarei.

— Assim o espero, Raphael; mas a tranquillidade fugiu para sempre do meu coração: sou esposa criminosa.

E Fanny deixou cahir a cabeça sobre o peito como se tivesse vergonha de si propria. Raphael tinha encetado aquella aventura amorosa como um capricho, um passatempo. Out'ora amára uma mulher, a quem consagrara todo o seu coração; mas aquella mulher honrada e virtuosa não podia ser d'elle, pertencia a outro.

Raphael, em presença do comprometimento em que Fanny se via, sentiu por ella algum affecto mais verdadeiro, mais profundo.

Succede muitas vezes a compaixão tornar-se mãe do amor. Accrescia a isto que David tinha uma alma nobre e generosa. Abandonar a mulher no momento do perigo parecia-lhe baixesa. Estava pois resolvido a tudo. Esperava o golpe, que não podia tardar. O homem, que tão vivamente lhe tinha roubado as cartas, podia revelar tudo. Tapulca era violento, zeloso, arrebatado. Portanto, o choque devia ser terrivel. Fanny, mulher habituada ás aventuras amorosas, receiava-se de seu marido.

— A sua vingança será terrivel— dizia ella—se descobre o meu amor com Raphael... mata-me... preciso procurar a salvação na fuga.

Esta idéa tomou vulto, e chegou a estabelecer-se como unico meio de salvação.

— Escuta, David—disse a ex-bailarina, apossando-se d'uma das mãos do amante—tu és livre, independente; eu estou ligada a um homem pelos laços sagrados, que só a morte póde quebrar. No nosso amor, sou eu só a culpada; sobre mim só cahirá o anathema, o ludibrio: queres que fujamos juntos?

— Fugir!... Estás louca, Fanny? Esperemos serenamente o perigo, elle tem de vir, mas não o julgo tão imminente como tu o suppões.

— Não, não, Raphael; a mim ser-me-ha impossivel olhar de frente para meu marido; parece-me que me terá nos olhos o meu crime.

— Peço-te que te tranquilizes.

— Não posso... não posso...

— Por Deus, Fanny!

— Ah! Raphael, que terrivel é a expiação d'uma falta!

— Pois bem; succeda o que succeder, não pensemos agora mais que na nossa felicidade; peço-t'o.

E Raphael enlaçou nos braços a cintura de Fanny. Fanny afastou-o com brandura.

— Olha, Raphael, eu sou rica; pelo menos, posso dispôr d'uma fortuna.

— Mas essa fortuna é de teu marido...

— Que importa? Não sou eu já perjura?...

Raphael comprehendeu o que Fanny lhe propunha; roubar Tapuca e fugir.

—Nunca! nunca!—exclamou n'um d'esses impetos em que se revela a honradez d'um coração—Eu posso aceitar o teu amor, as tuas caricias, mas nunca o teu oiro: os homens como eu não se vendem á mulher que amam.

Fanny cobriu a cara com as mãos, e chorou. Por alguns segundos, Raphael guardou silencio, contemplando aquellas lagrimas que corriam dos olhos da sua amada. Procurava uma phrase com que a podesse tranquillisar, mas não a achava.

Aquella aventura, que elle não tinha procurado, entrestecia-o.

Queria salval-a ainda á custa d'algum sacrificio, mas não via se não um meio: bater-se com o marido.

Isto era novo escandalo.

Se no duello, Tapulca perecia, aquellas relações deviam terminar.

Se, pelo contrario, era elle a victima, não salvava Fanny e deixava sua irmã Angela na orphandade.

Raphael tinha, pois, motivo sufficiente para estar preoccupado.

Fanny quebrou o silencio do modo seguinte:

— Oh! os homens não comprehendem o sacrificio... A minha salvação está na fuga... mas o decoro, as vozes do mundo impedem-te de fugir com uma mulher rica; como se essa mulher, que te entregou a honra e o coração, não podesse repartir comtigo um pouco de dinheiro... Está bem; esparei meu marido em Paris. Quando elle regressar, quando souber da minha infamia, matar-me-ha, e tu ficarás livre do compromisso que contrahiste.

— Oppor-me-hei a qualquer offensa que elle intente contra ti!—exclamou Raphael.

Fanny sorriu-se.

— Não te opporás—retorquiu Fanny—antes terei eu sahido de França.

— Queres dizer, que tencionas fugir, confessando tu mesma as tuas faltas?...

— Sim.

— E' loucura.

— Talvez... mas commetterei essa loucura.

— Não, Fanny; tu esperarás serena o perigo, caso que elle se avisinhe, peço-te. A começar de ámanhã, não deixarei de empregar todos os meios para encontrar o homem que nos collocou no presente embaraço; hei-de encontral-o, juro-te, e então estará tudo concluido.

Os dois amantes prolongaram a scena até á meia noite, hora em que Raphael, fatigado d'aquella lucta, se despediu de Fanny.

Quando saiu, ia preoccupado.

Presentia tambem um desenlace fatal. Só, de quando em quando, o tranquillisava uma esperança: achar o roubador das cartas.

— E' Cesar — pensava elle—não póde ser outro!... mas Lisette não o reconheceu. Oh! mas Cesar é bastante astuto para disfarçar a voz: ámanhã saberei como devo proceder.

Quando Raphael chegou ao hotel, o criado entregou-lhe uma carta.

Eis o contheudo:

«Caro maestro:

«Murmura-se, entre os bastidores, que as *camelias* o seduziram. E' verdade? Venha ámanhã, durante a representação da *Débora*, dar-nos conta da sua vida.

«Sua sempre

«A., prima-dona.»

— Ah!—exclamou Raphael.—Se chegam a descobrir no theatro as minhas relações com Fanny, a França inteira terá d'ellas noticia brevemente.

E deixou-se cahir n'uma cadeira.

(*Continua.*)

no. Mas não se deve por isso abandonar a cultura nos terrenos pouco favoraveis. O que é preciso é preparar, trabalhar estes, tornando-os mais ricos.

O orador teve occasião de observar em Castello de Vide que para fazer as sementeiras se importam sementes estrangeiras, sementes exoticas. Foi muito partidario da importação de sementes exoticas, principalmente das do norte, porque é preciso importar sempre as sementes do norte para o meio-dia, e nunca do meio-dia para o norte. Mas hoje tambem aconselha que se faça a selecção das sementes que possuem.

Explica como se procede a este trabalho de selecção e como devem ser aproveitados apenas os grãos do centro e do meio da espiga. No espaço de 4 ou 5 annos, isto é, ao cabo de 4 ou 5 sementes successivas, chega-se a obter um grão que produzirá 70 sementes. Sob o ponto de vista da selecção da semente, é preciso melhorar-mos, aperfeiçoarmos o grão que temos, em vez de o importar a peso de ouro dos paizes estrangeiros. Incidentalmente disse que o feriu bastante o atrazo das sementeiras em Portugal, e que esta questão lhe parece digna de ser estudada pelos especialistas pois não está bastante esclarecida. E semilhante facto não se dá em França.

Tratou em seguida da semente e da epoca das semeaduras, mostrando o que é a semeadura em linha e a semeadura a lanço, e quaes as vantagens de uma e de outra, e quaes os defeitos; as que produzem boas hervas, e as que a não produzem. Passando a tratar da questão da adubagem, disse que a causa da inferioridade da colheita na Europa, é que nós europeus não soubémos restituir á terra o que lhe haviamos tirado. E os americanos do norte, que ha tão poucos annos são agricultores, comprehendendo já a importancia e o alcance d'este problema,—começou já a importar em larga escala materias fertilizantes para tratar o solo e tornal-o forte e rico para a producção. Nós, europeus, deixamos perder todos os detrictos, todas as dejecções, de que tanto carece a terra na producção dos cereaes. Os chinezes, que nós consideramos um povo atrazado, são mais cuidadosos e attentos do que nós, em materia agricola. E' por isso que elles teem tanto arroz, nunca vendo diminuida a sua producção. E' preciso dar ao solo os alimentos indispensaveis ao desenvolvimento da planta. Os alimentos que o conferente considera indispensaveis são—o *acido phosphorico*, o *azote* e a *potassa*.

Portugal pode passar perfeitamente sem estrumes ricos em potassa. E' escusado pois preoccuparem-se com esta parte. A grande questão, o grande problema para o Portugal agricola é o *acido phosphorico* e mais o *azote*.

O conferente vae ao quadro preto fazer varias demonstrações algebricas, para mostrar como é que n'um quintal de trigo com a palha respectiva se encontram 35 kilos de azote, 25 kilos de acido phosphorico e 40 kilos de potassa—que naturalmente foram extrahidos da terra. O acido phosphorico é indispensavel ao nosso solo, mas está-se pagando em Portugal por um preço exhorbitante, incompativel com as necessidades agricolas.

Os estudos que o conferente tem feito ha vinte annos levaram o á convicção de que os phosphatos mineraes em pó, de Portugal, devem dar excellentes resultados praticos. E' preciso conservar dentro do paiz os superphosphatos, não os deixar de modo algum exportar; porque isso é o futuro da agricultura, a sua riqueza, e por consequencia a riqueza do paiz. E' preciso não deixar exportar para o estrangeieo semelhantes thesouros. Quanto ao azote tambem ficou admiradissimo com o preço elevado como é vendido em Portugal. O azote compra-se em França, quando muito a 24 e 25 francos, quando em Portugal se compra por 45 francos.

O sr. Grandeau aconselha aos agricultores portuguezes que nas regiões onde ha terrenos muito arenosos se cultive o tremoço e depois o enterrem, porque esta planta assimila o azote do ar, dando depois ao solo o que lhe falta. E' necessario pois que todo o agricultor se preoccupe com a nutrição da planta, cuidando especialmente da boa semente, da boa cultura e da boa adubagem. *Com 1 grão de trigo*, em condicções perfeitas, já se chegou a obter 2:800 grãos! Ora a média em França é, com 1 grão recolher apenas 7. Eis a questão que é preciso estudar; vêr o que é preciso melhorar, obter resultados totalmente differentes.

Um agricultor de Brighton (Inglaterra) obtem regularmente por cada grão 100 grãos. Eis pois o graude problema que é preciso resolver, e procurar resolver quanto antes. Para chegar a esse *desideratum* só ha um meio: A instrucção, a instrucção e sempre a instrucção. A profusão de conhecimentos theoricos e praticos, eis o unico meio de alcançar excellentes resultados.

O conferente tem pena de, ao dirigir-se aos grandes proprietarios ruraes, não poder ser para com elles excessivamente amavel. Mas a verdade é que os grandes proprietarios não teem para com as suas terras os cuidados de que ellas carecem. Sente muito ter de dizer isto, mas é preciso que isto se diga. E' preciso que os grandes proprietarios se interessem pela agricultura; é preciso que abandonem o systema de só terem a terra para a alugar, como se aluga uma casa; é preciso que elles se identifiquem com a terra.

Quanto ao camponez em Portugal, é como o camponez em França. E' preciso que elle veja *praticamente* como hoje em dia se deve cultivar a terra, para que siga os bons exemplos. E' preciso mostrar-lhe *praticamente* o que hoje obtem com os seus velhos processos, e o que pode e deve obter. E' preciso a demonstração pratica. Em seguida o sr. Grandeau fez a sua profissão de fé como defensor enthusiasta do *livre cambismo*, e inimigo declarado do *proteccionismo*, que não considera, como hoje se diz em França, como a salvação da agricultura. E' preciso preservarmo-nos da mania da protecção a torto e a direito; porque tambem é bom pensar um instante que não ha só agricultor, mas tambem uma nação inteira que come, que consome. O *proteccionismo* não passa d'um socialismo d'Estado um tanto mascarado. Ora o que é preciso, é que o individualismo triumphe, porque é essa a verdadeira e salutar liberdade. Toda a gente quer proteger o productor; tambem não seria mau pensar-se um instante em proteger o consumidor, que somos nós todos. O *proteccionismo* é uma febre que eu não tenho cessado de combater em França,—e que ha de passar. Não é de protecção que a agricultura precisa, do que ella precisa é de escolas; não ha senão isso que lhe faça bem.

O conferente appella para a intelligencia e patriotismo do sr. ministro das obras publicas alli presente, que certamente ha de seguir por este caminho, nos seus emprehendimentos e reformas. O que a agricultura precisa é de homens como houve no seculo XVIII—como o marquez de Pombal em Portugal, e Tourgot em França. E' preciso imitar-lhes os exemplos. O futuro de Portugal está na agricultura, apesar das suas graudes riquezas metallurgicas.

O orador termina a sua interessante conferencia, de que apenas podemos dar uma ligeira noticia—agradecendo o acolhimento que teve em Portugal, e de que levará para França uma preciosa recordação.

O numeroso publico fez ao sr. Loui Grandeau uma ovação prolongada e calorosa. O illustre conferente foi muito cumprimentado. O sr. Grandeau partiu já para Paris.

SAES DE COBRE

Publicamos hoje um artigo extrahido da revista mensal—*A Vinha Portugueza*—sobre a influencia dos saes de cobre na salubridade dos vinhos, o qual nos foi remettido pelos distinctos medicos do partido municipal, os srs. drs. Matheus Pereira Pinto e Joaquim de Carvalho e Silva. Ninguem mais competente—diz o nosso presado collega da *Soberania* e nós repetimos—do que estes dois illustres homens de sciencia para avaliar dos effeitos produzidos pela bebida de vinho sulphatado, e por tanto da veracidade do artigo hoje publicado. Leiam-n'o os interessados—o viticultor e o consumidor. O primeiro para, em virtude d'um preconceito estupido, não deixar de recolher no fim do anno, pelo menos, o tripulo do vinho que lavra não pulverisando as vinhas. E o segundo para que se não prive d'uma bebida deliciosa, e continue a rír-se da propaganda d'uns ignorantes maus que parecem estar dispostos a arruinarem a primeira das industrias portuguezas.

Não somos nós os primeiros que empregamos na cultura da vinha o caldo bordelez. Muito antes do que nós, empregou-o a França. Passados tantos annos e feitas as experiencias de que falla o artigo que, como vêem, é confirmado pela assignatura de dois medicos distinctos d'este concelho, não nos é licito receiar o envenenamento pelo vinho sulphatado. Segue o artigo:

INFLUENCIA DOS SAES DE COBRE NA SALUBRIDADE DOS VINHOS

O sulfato de cobre é a base do tratamento contra o mildiú, e como esta doença entrou nos vinhedos do paiz em larga escala, o consumo d'este sal tem de ser consideravel, desde que se queira defender a producção vinicola d'essa terrivel enfermidade.

Em França, quando se começou a empregar o cobre em aspersões ás folhas das cepas e ás uvas, levantou-se grande celeuma a proposito da possibilidade de envenenamentos causados pelos vinhos colhidos em cepas tratadas com as soluções cupricas, chegando até a fallar-se na morte de individuos, que tinham comido uvas ou bebido vinho contendo parcellas de cobre, a ponto de muitos viticultores hesitarem em fazer os tratamentos.

Numerosas experiencias se fizeram então, e d'ellas se concluiu que não eram nocivos á saude os vinhos provenientes das vinhas tratadas. As duvidas e hesitações que se haviam levantado, foram desapparecendo em França, mas surgem agora no nosso paiz onde os tratamentos cupricos começam a ser applicados.

E' conveniente, pois, dizer alguma coisa sobre o assumpto para tranquillisar aquelles que nos teem consultado.

Antigamente o cobre era considerado um verdadeiro veneno; hoje, os hygienistas affirmam que só em alta dose (como de resto succede a quasi todas as substancias chimicas) o cobre pódo produzir effeitos prejudiciaes, conforme o animal que o ingere. E' assim que um homem póde ser envenenado com 20 grammas de sulfato de cobre, ao passo que um cão ou um carneiro supportam maiores doses.

Todos sabem que os operarios caldeireiros, e outros que trabalham no fabrico do cobre, estão constantemente expostos á absorpção de poeiras cupricas, sem que por isso sejam envenenados.

Depois, ha alimentos em que este metal existe normalmente em quantidade apreciavel, por exemplo, o trigo e a farinha, da qual se fabrica um pão em Inglaterra, a cuja massa se addiciona sulfato de cobre; mesmo a carne, e designadamente as conservas de legumes, em que se recorre ao sulfato de cobre para lhes conservar a côr verde natural, e comtudo a saude publica não se resente com isso.

E', portanto, certo que o homem ingere todos os dias, nos seus alimentos normaes, uma certa quantidade de cobre que é inoffensiva.

Vamos agora a ver o que succede com o vinho.

Foram MM. Gayon e Millardet os primeiros que verificaram, nos vinhos das cepas tratadas, doses infinitesimas, muitas vezes de menos de 1 decimilligramma por litro, e algumas vezes apenas vestigios. Na opinião d'estes experimentadores o cobre seria eliminado na fermentação; pois ao passo que os vinhos continham estas quantidades quasi inapreciaveis, as aguas-pés apresentavam apenas o maximo de 1 miligramma por litro, contendo os bagaços porções mais crescidas de 26 milligrammas por kilo.

Quasi ao mesmo tempo, outros dois chimicos, MM. Crolas e Raulin, procediam a analyses no mesmo sentido e chegavam a resultados identicos para os vinhos, para as aguas-pés e para os 2.os vinhos de agua e assucar, mas encontravam nos bagaços e nas borras 40 a 70 milligrammas de cobre por kilo.

Mais tarde o governo mandou fazer na escola de agricultura de Montpellier analyses rigorosas e uniformes em vinhos de todas as proveniencias, e de este trabalho se tiram as conclusões seguintes:

1.º Com o tratamento do caldo bordelez, em 59 amostras, acha-se como média:

Vinho	o milligr.		23
Agua-pé	o	,	15
2.º vinho de agua e assucar	o	,	20
Vinho de prensa	o	,	12

As borras deram de 7 a 117 milligrammas por kilo.

2.º Com o tratamento da agua celeste a média foi de o milligr. 15.

Estas quantidades são bem insignificantes para que os hygienistas considerem os tratamentos do sulfato de cobre nocentes á saude publica.

Mas a ultima experiencia de M. Fallot, repetidor da escola de Montpellier, vem desfazer todas as duvidas. Este professor tratou, de proposito, vinhas com o caldo bordolez em dose concentrada, 4 a 5 vezes, e com a agua celeste, em applicações repetidas, de fórma que as uvas iam para o lagar cobertas de nodoas de poeira de cobre, e encontrou no vinho analysado, dias depois de envasilhado e trasfegado, apenas a percentagem de 1 a 5 decimilligrammas por litro. Póde-se dizer, depois d'isto, que nos casos ordinaoios, quando os tratamentos se fazem normalmente, o vinho contém quantidades inapreciaveis de cobre.

Parece que é durante a fermentação ou ao envasilhar que o cobre se elimina, porque as lias ou borras conteem d'elle quantidades notaveis. Os chimicos apresentam diversas hypotheses para explicar este desapparecimento, no vinho, do cobre, que as uvas levam para o lagar; alguns dizem que elle é precipitado pelo tanino da uva no estado de tanato de cobre.

Seja como fôr, o facto positivo, que se tire de todas estas experiencias e estudos, é que o vinho feito e posto a limpo contém apenas traços insignificantes de cobre, e que, portanto, a nocividade dos vinhos, colhidos de vinhas tratadas com sulfato de cobre, é nulla, visto que a quantidade maxima d'este metal, que as vinhas podem conter, é muito inferior á contida nos alimentos normaes. Um homem pode ingerir, sem inconveniente, na sua alimentação de um dia, perto de 4 milligramma de cobre; ora para attingir esta quantidade seria necessario beber 10 litros de vinho sulfatado.

Podem pois estar tranquillos os productores e os consumidores.

Matheus Pereira Pinto.
Joaqnim Carvalho e Silva.

Pastoral

DOM JOSÉ DIAS CORREIA DE CARVALHO, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTOLICA, BISPO DE VIZEU, DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA, PAR DO REINO, ETC., ETC.

Ao Nosso Reverendissimo Cabido, Reverendos Parochos, Clero e Fieis da Nossso Diocese, saude, paz e benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador

Caros diocesanos. Ao regressarmos de Roma aonde nos levara o cumprimento do dever da visita *ad sacra limina* — temos a grata satisfação de communicar-vos a benção apostolica, que o Santo Padre vos envia com toda a effusão do seu paternal affecto para comvosco. Tem elle em particular consideração a nação portugueza ao ver que a sua fé tem sido sempre inquebrantavel e sempre firme o seu respeito e affecto á Santa Sé, e que muitos de seus filhos em remotas eras e por mares nunca até então navegados levaram ás mais longiquas plagas, animados d'essa mesma fé e do mais ardente amor do engrandecimento da patria, o conhecimento das verdades da fé catholica e com elle o beneficio da civilisação verdadeira.

Na audiencia que se dignou conceder-nos, foi tão benevolente e affectuosa a recepção que nos fez, que d'ella conservaremos sempre a mais grata lembrança. Mostrou-nos Elle todo o interesse pela conveniente educação e instrucção da juventude, e que será sempre bem garantida essa educação e instrucção quando fôr ministrada por meio de institutos religiosos.

E com effeito, nas diversas cidades que percorremos se acham esses institutos em grande numero estabelecidos. Encontrámol-os em Lourdes e Marselha, em Nice e Genova, em Florença e Roma, em Napoles, Veneza e Bolonha, em Milão e Turin, em *Lucerna*, *Bazilea* e Strasburgo, em Nancy, Paris, Bruxellas e outras cidades. E nos caminhos de ferro, nas ruas e praças publicas d'essas cidades, vimos nós com frequencia religiosos d'ambos sexos, transitando com o habito proprio da sua Ordem sem que alguem se atrevesse a dirigir-lhes palavras de menos consideração e respeito. Notámos que n'essas cidades exercem todos livremente a sua actividade, e que quando mais adiantada é a civilisação dos povos maior é a liberdade que gozam seus habitantes. Mas será essa liberdade sempre meio indispensavel e efficaz para o desenvolvimento e progresso da civilisação verdadeira se obedecer aos preceitos da fé, da moral e da justiça; se não fôr convertida nos excessos da licença, que gera e derrama no seio dos povos a anarchia com todo o cortejo de males os mais graves e os mais deploraveis. Encareceu-nos o Santo Padre, com particular interesse, a conveniente educação dos jovens que se destinam á vida ecclesiastica, desejando que sejam todos internados em casas para isss destinadas no intuito de que a disciplina se estenda a todos por egual. E se os nossos deveres pastoraes em materia tão momentosa, e a força de nossas convicções desde ha muito nutridas sobre tão importante assumpto, nos tem incitado sempre ao emprego de meios a nosso alcance e que se nos affiguram opportunos a bem da educação e instrucção do nosso clero, aquelle encarecimento do Santo Padre, que para todos é o mestre e guia, veio, caros diocesanos, dar força e alento á continuação de nossas diligencias e esforços a tal respeito.

Tem o Santo Padre em consideração muito particular a boa orientação dos estudos ecclesiasticos, e quando a proposito das disciplinas professadas no nosso Seminario lhe dissemos que era tambem comprehendida n'ellas a philosophia Thomista, foi tão grande a sua satisfação que mal podemos descrevel-a. E na verdade, ás recommendações e assiduos esforços de Leão XIII se deve hoje a propagação do ensino e estudo d'essa sã philosophia nos Institutos ecclesiasticos das diversas Nações catholicas. A sua illustrada e infatigavel sollicitude em promover as prosperidades dos povos sob o ponto de vista moral e religioso, e ainda sob o ponto de vista social e politico na edade de 83 annos em que a natural fraqueza do corpo produz naturalmente a decadencia do espirito, é, caros diocesanos, verdadeiramente assombrosa, verdadeiramente admiravel.

E não só as sciencias moraes, sociaes e politicas de que tão habilmente sabe deduzir principios e regras da mais proveitosa lição para os que governam e para os que são governados, mas ainda o desenvolvimento e progresso das bellas artes teem merecido e merecem ao Santo Padre Leão XIII especiaes disvellos.

Em verdade, nos Muzeus do Vaticano, que tão grande admiração nos causaram, se encontram, devidas ao seu zelo infatigavel e amor ás artes, explendidas decorações e pinturas produzidas por artistas de reconhecido merito como Mantovani, Seitz, Torti e Angelini; e logares decorados com pavimento de marmores, notaveis pela sua riqueza e variadas côres. E tambem a livraria do Vaticano e a Bazilica de S. João de Latrão devem ao Santo Padre decorações primorosas.

D'este modo tem Leão XIII procurado seguir o exemplo de seus Veneraveis Predecessores, que desde remotas eras a contar de Julio II procuraram enriquecer de tal modo aquelles soberbos muzeus, que n'elles se encontra e admira hoje tudo o que a Frecia produziu de mais notavel em obras d'arte, runido aos mais notaveis e ricos monumentos que decoraram outr'ora os palacios dos Cezares, os Furums, os Circos, os theatros, os amphiteatros, os tumulos, os templos, as bazilicas e outros esplendidos edificios da antiga Roma, o reunido tudo isto ainda aos primorosos quadros originaes de Rafael, Miguel Angelo, Murillo, Giovani, Guidi, Paulo Veronese e d'outros, que os visitantes contemplam cheios de assombrosa admiração; e alguns d'elles levados do amor da arte copiam como tivemos occasião de ver, propagando assim por toda a parte essas verdadeiras maravilhas do engenho humano. E assim não pode, caros Diocesanos restar a menor duvida de que a egreja catholica amára sempre as Bellas Artes e fôra sempre, e é a sua mais disvellada conservadora e protectora. Encareceu-nos ainda o Santo Padre o emprego de medidas tendentes a levantar o nivel moral e religioso dos fieis perante a corrente de ideias e factos que dia a dia procura abatel-o, mostrando-nos a conveniencia de congressos de clero e fieis no intuito da sustentação, defeza e práctica das verdades da fé e de tudo o que a egreja catholica e a recta razão aconselha para o bem espiritual e temporal dos povos. E era bem natural, caros Diocesanos, esse encarecimento a respeito d'um assumpto que preoccupa noite e dia o seu levantado espirito. Vigario de Christo na terra, chefe Supremo da egreja catholica, Leão XIII sente o pezo enorme de tremendas responsabilidades. Por isso não cessa elle nas suas allocuções e encyclicas de convidar com viva instancia os fieis á practica dos preceitos da mesma egreja a fim de alcançarem o Supremo bem. Resta, pois, caros Diocesanos, que escuteis e pratiqueis os seus ensinamentos para proveito de vossas almas para o conseguimento de aquelle bem da eterna felicidade que é o termo de nossas mais nobres e justificadas aspirações.

Rogae a Deus pela conservação da preciosa vida e saude de tão sabio e providencial Pontifice; porque a sua vida é penhor seguro do bem temporal dos povos e muito particularmente das prosperidades espirituaes da egreja a que tão sabia e proveitosamente preside. Finalmente sendo tão affectuoso e obrigante o acolhimento que nos dispensaram os habitantes da cidade de Vizeu ao entrarmos n'ella do nosso regresso de Roma, a todos, clero e fieis tributamos o nosso agradecimento mais cordeal e sincero, particularmente áquelles que sem distincção de classe, posição e gerarchia nos honraram com os seus cumprimentos pessoaes, e foram assistentes ao *Te-Deum* solemne que o nosso Reverendissimo Cabido, por um acto meramente espontaneo e para nós em extremo obrigante, promoveu em acção de graças por aquelle nosso feliz regresso. E n'esse acolhimento vemos nós mais uma evidente prova de que a nobre cidade de Vizeu dispensa ao seu pastor a mais sincera estima, correspondendo essim aos extremos d'affecto que do fundo d'alma lhe tributamos e a todos os nossos Diocesanos, e jámais deixaremos da tributar-lhos até o ultimo instante da nossa vida.

Será este escripto depois de impresso enviado ao nosso Reverendissimo Cabido, e Reverendos Parochos que o lerão á estação da missa conventual e registrarão nos termos do estylo. Dada e passada em Vizeu sob signal e sello de nossas armas aos 12 de junho de 1893.

José, Bispo de Vizeu.

CARTA DE CAMBRA

29 DE JUNHO DE 1893.

Esteve n'este concelho no dia 26 e 27, retirando hontem para essa cidade. o sr. Almeida, agronomo districtal, que veio aqui observar a molestia de que as vinhas se acham atacadas. Do exame que fez em differentes e em diversas propriedades concluiu, que ellas se achavam atacadas do *mildiú*, aconselhando a applicação da *calda bordeleza*, como meio mais efficaz, para pôr termo ao seu desenvolvimento, que é crescente de dia a dia. E' porem, já tarde para se fazer a applicação de aquelle preparado, porque já se acha perdido, mais de metade do vinho nascido. Sitios ha, n'este concelho, onde as vinhas estão já despresando a folhagem, ficando os troncos despidos, como em fins do outono, sendo grande o descontentamento, que corre aqui; pois que o vinho é a principal receita da maior parte dos nossos lavradores.

— Tem tido, ultimamente, pouca procura, o vinho da ultima colheita, pelo que ainda ha muitas adegas cheias. Diz-se que alguns negociantes, que se teem surtido de vinho d'Arouca, teem espalhado por Ovar, Estarreja e outros pontos, que em Cambra já não ha uma pipa de vinho para vender, quando é certo que ainda aqui ha centenas, havendo muitos lavradores, que ainda teem todo o vinho produzido na colheita passada, destinado a venda, e de excellente qualidade. Pode, por tanto, quem desejar vinho d'este concelho, surtir-se, porque ainda ha muito, e muito onde se escolha. Quem propalou que aqui não havia vinho para vender, certamente está surtido de vinho de qualidade inferior ao que aqui se produz, e para armar ao effeito, isto é, para o poder gastar, vale-se da mentira; mas a mentira só prevalesce emquanto a verdade não chega.

— No proximo domingo, ha a costumada festa a Santa Izabel, na parochial egreja da freguezia de Roge. Não deixará de ter o luzimento e brilho dos mais annos, porque o parocho, revd.º sr. Manuel Tavares d'Amorim, é incansavel nos preparativos, para que a festa não deixe nada a dezejar, principalmente no que é solemnidade de egreja. Vai alli tocar na vespora e dia, a philarmonica *Cambrense*, de que é habil regente o sr. José d'Oliveira.

— Continua a inconstancia do tempo, que não é nada favoravel aos milhos, que ainda se acham pouco desenvolvidos, e os trabalhos pouco adiantados.

— Teem ido e continuam a ir, a Oliveira d'Azemeis, differentes pessoas d'aqui, depôr na syndicancia a que alli se está procedendo aos actos do muito digno juiz de direito, sr. Coelho da Rocha. Parece-me que o resultado da syndicancia será negativo aos desejos dos inimigos d'aquelle honradissimo e exemplar magistrado.

A.

CARTA DE VAGOS

27 DE JUNHO DE 1893.

Já não é só o José das Desgraças que perdeu o uzo da razão, ficando um doido endiabrado; tambem um outro chefe da grei a que aquelle pertencia se vae pouco a pouco tornando mais furioso. Se hoje por aqui apparecesse aquelle pandigo da *rapióca*, com certeza que na vez d'um contaria dois malucos: De ha muito que este sujeito dá indicios de alienação mental, e para provar esta verdade recordemo-nos dos actos indignos e imprudentes que tem praticado. Não nos surprehendeu, pois, este triste acontecimento.

Não nos bastava o estafermo José Maluco para servir de bobo, senão ainda a Providencia quiz apresentar-nos mais um exemplo da sua força suprema para nos mostrar que é nas suas excelsas mãos que está o destino e felicidade da humanidade inteira, porque foi ella que a creou e é a ella que compete a sua finalidade.

Este segundo chefe, que na grei é o n.º 4, tem no curto espaço de 4 a 5 mezes soffrido tantos revezes que sempre nos fizeram permanecer na mente a prefiguração d'um desenlace fatal na sua amargurada vida: ou ficando maluco completo, ou succumbindo sob uma paixão profunda devida á guerra implacavel que lhe fazem em tudo quanto pretende. E' um typo rico de bens, mas pobre de juizo e de seriedade. E quereis, saber, caros leitores, sobre quem recae toda a responsabilidade das desgraças que continuamente estão atormentando este desventurado chefe n.º 4?

E' no decantado chefe n.º 1 que sob promessas falsas e extravagantes levou aquelle ambicioso a entrar em emprezas arriscadissimas. E tanto é certo ser o hypocrita chefe n.º 1 o culpado, que o chefe n.º 4 não podendo por mais tempo suportar tantas affrontas e disconsiderações que de momento a momento estava soffrendo, decide-se ir a casa d'aquelle chefe pedir-lhe cathagoricas explicações do seu detestavel procedimento para com elle, e apenas entrou no limiar da porta soltou estas exclamações:

Oh ceus! ou terra! oh numes!
Oh chefe numero um, dá cá os lumes!

Para que foi você, ó pantomineiro, incommodar-me á praia de Mira, fazendo-me innumeras promessas no numero das quaes me assegurava o logar de contador, afiançando-me que vencia a eleição da camara desde que se prendesse o dr. Almeida, o que ajudei a levar a effeito, pelo que estou hoje recebendo as duras consequencias?! Ah! não vinha, não, se você não me tivesse jurado e afiançado esse logar que tanto satisfazia a minha torpe ambição, e no que eu acreditei, pensando que dos labios d'um tonsurado só sairiam verdades e virtudes; mas, ao contrario d'isso, *illudiu-me totalmente!*

E' transferido o contador, ficando portanto um logar vago, e eu, em vir-

---

Aqui acaba o paralelo e com o paralelo a descripção da pessoa. Se a não démos mais exacta, não foi por falta de verdade nas côres nem por infedilidade no pincel; é que não possuimos as primeiras assás vivas, nem somos sufficientemente dextros em manejar o segundo: acceitem-n'a porém como vai, que já d'esses traços avulsos alguma cousa se póde colher, e o que ainda não fôr claro dar-lhe-hemos mais luz nos seguintes.

* * *

NA CONSTITUINTE

1836 = 1839

Le sang de Danton étouffe!

Thiers. H. de La Rev. de France.

Para todo o homem, cuja existencia social tiver offerecido muitas phases, que tiver atravessado muitas epocas, e que houver fluctuado longo tempo sobre as vagas incertas da politica, quão gostoso não seria ver o fabuloso conto do lethes convertido em actual realidade! Quem ha ahi que apoz vinte e tantos annos de luctas, de oscilações, e de contrastes, vinte e tantos annos d'existencia consumida na fornalha ardente da politica, não folgasse ir ao menos uma vez banhar nas suas agoas a cabeça encanecida? Fallem os factos por nós, responda-nos a historia, e diga ella, se é por ventura tão facil reprodusir um Lafayette como crear um heroe de romance! existencias como a sua succedem-se acaso umas ás outras? reproduzem-se duas vezes n'um seculo? Semelhantes aos grandes phenomenos celestes só voltão a apparecer-nos depois de percorrida uma elipse immensa. Mirabeau, que primeiro accendeu contra os Bourbons a colera popular, morreu abrigando á sua sombra gigantesca essa familia agonisante: Camillo Desmoulins expirou no cadafalço victima de sua propria consciencia; matou-o uma conversão de virtude, um arrependimento politico. Thiers ellevando até á hyperbole os feitos democraticos de Danton, apagou pouco depois com a pena do ministro o que traçára com a de Graccho; Hugo, que ao som da sua harpa entoára ainda joven os discordes hymnos do absolutismo, tambem não tardou muito em apparecer protestando como politico, contra o que escrevera como poeta; em fim Lamartine, o proprio Lamartine, que hoje se enfeita com a reputação de socialista, ou sectario disfarçado da antiga dynastia, e cinge uma aureola de gloria entre os deputados legiti-

---

divida, não será difficil dize-lo em tres palavras — *foi o seu perseguidor*.

Transferido assim de S. Miguel, e conseguindo fazer-se reeleger, apparece segunda vez no parlamente, d'aqui data verdadeiramento a sua historia. O primeiro facto porque se distingue é de uma monstruosidade tão insolita, que mesmo apesar de nos haver sido attestado por testemunhas oculares, não podemos acabar com nosco a dar-lhe credito. Diz-se, que membro d'um club, e, semelhante ao encolorisado Duchesne, cuja furia revolucionaria ficou proverbial entre os francezos, Cabral não menos frenetico do que elle PEDIRA N'UM ACCESSO DE RAIVA A CABEÇA DA RAINHA!!!

Os que por ahi contão de haverem presensiado esta scena, acrescentão, que o seu discurso fôra *energico*, que chegára a causar *comoção* na assembléa, e que para garantia da sinceridade de seus votos, offerecera por penhores unicos que dizia possuir, sua extremosa mulher e seus filhos. Se o acontecimento é verdadeiro a methamorphose de Antonio Bernardo não póde ser mais espantosa; Marat poderia converter-se em Richelieu. Deixando porem esses horrores, que felizmente são hoje d'um anachronismo asqueroso, acompanhemos o deputado ao parlamento, e vejamos com que clareza de frase começa por significar á Soberana a mais pungente de suas saudades politicas. «Proponho, diz elle na sessão de 8 de fe«vereiro de 1837, proponho, que ao artigo 3.º do projecto de «resposta ao discurso da corôa se substitua o seguinte; — A «promessa feita pelo augusto Avô de Vossa Magestade na «proclamação de 11 de maio de 1823, não foi cumprida, e «por isso a Contstuição de 1822, ainda que abolida como lei «fundamental do estado, nunca deixou de existir muito viva «na lembrança e coração dos bons portuguezes.» Antonio Bernardo tinha razão; a Constituição de 1822 como monumento de gloria, como origem de independencia, e como ensaio de liberdade, nunca será possivel apagar-se da memoria dos bons portuguezes; o que admira sim é como tão depressa, e a todos os respeitos se apagou ella da sua! Ou Antonio Bernardo não é hoje o que então era, ou nunca elle foi um bom

---

que de traidor, que aconselha a collocar em desvio; como que não sorri do coração, nem retrata a alma nos olhos. Quizeramos comparal-o a alguem, e não o podemos fazer. Os grandes modelos não lhe quadram, e os pequenos accommodam-se a tudo.

Dos homens que, ainda não ha muito, figurarão no grande cathaclismo da França revolucionaria, dizia-se que um arremedava o tigre, outro o leão, outro o dogue, outro a aguia: Cabral não arremeda cousa nenhuma, nenhuma senão aquillo mesmo que parece ser,... um homem. A sua estatura é mediana, o rosto oval, a testa nem espaldar nem proeminente, o nariz d'uma regularidade prosaica, os olhos sem electricidade nem brilho, a bôca medianamente composta, o cabello corredio, a côr palida (um poeta diria talvez patibular) o riso falso, a vista traiçoeira, as maneiras de peão palaciano; e o simples traço que a nosso ver, mais distinctamente o caracterisa é certo tergeito da cabeça com que, de todas as vezes que falla tomado d'iras politicas, parece querer encolher o pescoço como por effeito d'uma contracção nervosa, (*talvez instincto, presentimento jugular*) fransindo ao mesmo tempo os musculos da face, e acompanhando aquelles movimentos d'um como gemer de colera recosida, indicifravel em todas as lingoas, mas que por ventura poderá comparar-se ao lastimar do porco espinho quando se revolve sobre a fructa.

No moral é o que são todos os ambiciosos em quem a sede do dominio impõe silencio aos demais affectos; eunuco com os grandes, sultão com os pequenos, soberbo na prosperidade, réptil no infortunio, e disposto em toda a occasião a dobrar-se como a flecha para melhor poder reagir pelo elasterio. Jeremias de nova especie não passa a vida como o profeta a chorar as desgraças de Jerusalem, mas tão pouco se peja de o fazer logo que alguma cathasthrophe pequena ou grande o ameaça. Em quanto tribuno do povo curvou-se diante d'elle como na presença d'um idolo, mas depois que se fez cortesão curva-se diante do throno e tão profundamente se prostra, que de cada vez que se ergue sacode o pó dos joelhos, A ninguem tomou por modelo, e, como já observámos, tude das suas promessas, tratei immediatamente de lhe pedir para me obter esse logar, o que não consegui, mas sim todos vimos em pouco tempo esse logar preenchido por um progressista. Mezes depois vaga o logar d'administrador, e lá consegue o meu despacho como interino até que fosse despachado pelo governo; mas ainda não tinham decorrido 15 dias quando se vê no *Diario do Governo* a nomeação d'um progressista para esse logar, passando eu por mais uma vergonha, que tanto regosijou os nossos adversarios. Em vista do que deixo dito o que quer que eu faça? Devo mais acreditar nas suas palavras? Não.

E não esperando por uma só palavra do chefe n.º 1, sae loucamente para a rua e n'uma carreira vertiginosa corre em direcção a casa, bradando:—*Orça, orça, orça que vae o diabo ao leme! Orça, orça, orça que vae o diabo ao leme!* Ao ruido d'esta voz de doido corre muita gente ás portas e janellas para ver quem era o desventurado, e no numero dos curiosos tambem apparece o chefe n.º 2 que vendo que era o chefe n.º 4, diz para umas pessoas que estavam proximas:—Dizem que eu sou doido varrido, e aquelle tambem o não é? Mais adiante alguem disse:—Morreu um frei José e ficou-nos um frei Antonio.

E foi a este estado, caros leitores, que chegou o celebre partido regenerador d'este concelho! E' uma sucia de malucos! Agora chefe n.º 4 veja se toma tento, reflecte por um momento, e depois de reflectir maduramente, se ainda o juizo lh'o permittir, envergonhar-se-ha perante a sociedade do seu indiscreto procedimento e das desfeitas que lhe têem feito aquelles que censuram o seu modo de obrar. Prometta ser mais sensato para o futuro; fuja de andar constantemente a emporcalhar todos os partidos sómente com o fim de alcançar um nicho; recorde-se das vergonhosas evoluções politicas por que tem passado. Sabemos que a fortuna lhe tem sido adversa, nós mesmo o confessamos, mas a culpa é sua e de mais ninguem. Todas as pessoas sérias dizem que o chefe n.º 4 é o politico mais falso e o caracter mais safado que conhecem.

Ande chefe n.º 4, procure alguem que se compadeça dos seus soffrimentos e dos insuportaveis pontapés que tem levado e continuará a levar emquanto se não regenerar, emquanto não perder o vicio abominavel que o caracterisa como o homem mais abjecto e ambicioso. Veja se arremessa para longe essa furia que o atormenta, torne-se um homem affavel como era outr'ora quando a felicidade o protegia, quando ainda havia basbaques que se deixavam seduzir pelas aleivosias que lhe sahiam dos labios atravez do seu malicioso bigode, que lhe occulta esse riso sarcastico que tão peculiar lhe é. Perca esse ar sombrio que lhe envolve o semblante, esqueça-se da desfeita que lhe acabam de fazer apeiando-o da administração do concelho para dar entrada ao seu adversario o sr. Lima Duque. Seja um homem digno e com pudor; não troque o palavriado serio por blasphemias proferidas contra aquelles que tantos favores lhe prestaram. Não seja tão falso e ambicioso.

Temos muito mais que dizer d'este cidadão illustre, mas reservamo-nos para outra occasião.

— Vão muito adiantadas as obras da nova residencia parochial que a junta mandou fazer a pedido do inclito prior. Não censuramos a junta por ter deliberado fazer essa obra, porque sabemos que o illustre parocho não tinha uma só sala aonde podésse dar as suas reuniões, mas o que extranhamos é uma outra coisa sobre que mais tarde fallaremos.

Y.

CARTA DE LISBOA

30 DE JUNHO DE 1893.

Difficuldades que não são d'agora, mas que circumstancias proximas aggravam, affirmam-se de modo que uma reconstrucção ministerial é inevitavel. Que ella só se effectuará depois de encerradas as camaras é positivo; mas que ella não pode deixar de dar-se é tambem certissimo. N'estes termos affirma-se que a reconstrucção levará ao gabinete não tres como se dizia, mas quatro ministros novos, pois que sahirão os da marinha, obras publicas, fazenda e guerra tambem. E' uma remodelação quasi completa. Quem entrará não é por emquanto certo quem sejam, pois que tudo depende de circumstancias que podem dar-se d'aqui até então.

— A eleição de Villa do Conde ia pondo em perigo a paz politica em que os partidos teem estado—ia pondo e póde ainda pôr. Depende isso do modo porque o sr. ministro do reino proceder na syndicancia que prometteu fazer. Se ella for feita com rectidão, com verdadeira vontade de fazer justiça, o accordo poderá continuar e d'elle provirão ao paiz vantagens importantes. Se isso se não fizer, se pelo contrario se pretender occultar a verdade geralmente sabida, mal estão os que taes intensões tiverem, porque o partido não póde deixar em má posição os seus correligionarios mais distinctos — a grande maioria do concelho de Villa do Conde, que é toda progressista.

— E' assumpto resolvido—que o *bill* se não discute n'esta sessão. E por conseguinte vigorarão como leis do paiz as muitas inconveniencias que o sr. Dias Ferreira decretou.

— O conselho d'Estado reuniu-se hoje para resolver sobre a prorogação das camaras, e foram prorogadas até 10 de julho, podendo a prorogação chegar até ao dia 15, se o governo julgar isso preciso.

— A questão da sellagem dos fosforos tem desgostado muito o commercio. N'este sentido chegam aqui noticias de toda a parte.

— A' camara electiva continuam a chegar representações contra o projecto de contribuição industrial, e contra todos os outros. Inteiro, dos que apresentou o sr. ministro da fazenda, não escapa um só, e um ministro a quem isto succede, tem os seus dias contados.

— Continua a affirmar-se que a rainha regente de Hespanha virá para uma das praias portuguezas passar a epoca balnear, e acrescenta-se que não será a Granja nem Espinho quem terá de receber a visita da augusta princeza: que será a Figueira da Foz a praia preferida. Seja qual for a da sua escolha será sempre bem vinda a illustre regente de Hespanha—exemplar precioso de mães e de rainhas.

— Está em Cintra e no castello da Pena, com El-Rei e sua augusta neta, a senhora condessa de Moutpensier. Na sua chegada á estação do Rocio, sua alteza era esperada pela familia Real portugueza.

— Partiram para a sua quinta das Lages, em Torres Vedras, os srs. Marquezes de Penalva. Suas ex.as vão alli passar, como costumam, a temporada do verão.

— O governo acaba de prover os logares d'administradores do concelho d'Agueda e Oliveira d'Asameis. Para o primeiro foi nomeado o sr. D. Luiz de Sousa Holsten, e para o segundo o sr. Bruno Antonio Cardoso Abreu Lima. Oliveira d'Asameis precisava uma auctoridade digna. Veremos como alli procede o que vae. Que se pozesse termo no escandalo que alli se dava, conservando na administração um homem carregado de crimes, é já um bem.

— Está actualmente em Cintra o sr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco, que ahi foi juiz no tribunal administrativo e agora está em Lisboa nas execuções por dividas á fazenda.

— O sr. dr. Antonio de Magalhães Mexia, advogado distincto nos tribunaes de Lisboa, está quasi restabelecido do incommodo que ultimamente soffreu, o que é motivo de prazer para os seus muitos amigos.

— Na proxima ordem do exercito serão promovidos a generaes de brigada os coroneis de estado maior os srs. conde de S. Januario e Ildefonso de Azevedo; Sepulveda, de artilheria; Costa Pimentel e Costa Ribeiro, de infanteria; Antonio Campos, de cavallaria. Na vaga do sr. Sepulveda entra o coronel Silva Reis, que estava fóra do quadro.

A coroneis, os srs. Eugenio Augusto Alves, em commissão na guarda fiscal; Antonio Hedwiges do Amaral e Antonio Ferreira Sarmento, em commissão na guarda municipal do Porto, todos de cavallaria; Moraes Sarmento, Alberto de Oliveira, chefe do gabinete do ministerio da guerra, Miguel de Figueiredo e Fernando de Magalhães, do estado maior.

A tenente-coronel de cavallaria o sr. Francisco Gomes Callado.

A major de artilheria o sr. capitão Alves. De cavallaria o sr. Marianno Prezado.

O capitão Abel Botelho, do estado maior, fica em n.º 1 para a promoção.

A capitão de engenheria o tenente Ferreira, inspector dos incendios.

Não ha promoções a capitães nas armas de artilheria e cavallaria. Além das mencionadas ha ainda outras promoções.

— O partido progressista acaba de soffrer mais uma perda sensivel. Na sua casa de Vallado acaba de fallecer o sr. José Luiz de Brito Saraiva, um dos maiores proprietarios do Riba-Tejo, e presidente da camara de Salvaterra de Magos. Era um perfeito homem de bem e um partidario dedicado como poucos. Era cunhado do sr. visconde de Mangualde, a quem por esta via apresento os meus sentimentos de affectuosa amizade.

— Cintra é hoje o grande centro de tudo quanto ha de rico tanto de meios como de representação. Actualmente está alli, com tenções de passar o periodo calmoso, a nata da diplomacia, entre a qual se conta mr. Bihourd, ministro da França; mr. Chevistih, ministro da Russia; marquez de Spinola, ministro da Italia; sir Macdonnel, ministro da Inglaterra; mr. de Rosty, encarregado de negocios d'Austria; e tomou casa alli tambem, mr. Blondel, secretario da legação de França.

— E' admiravel o modo porque se procede aqui para se conseguir fazer a introducção do contrabando na cidade. Os condungueiros são admiraveis de invenção para o caso. Ainda ha dias foi aprehendido um cavalleiro que passava aos direitos, dentro do selim do seu ginete, selim engenhosamente preparado para esse fim, e que ia cheio d'alcool. Pois hontem foi aprehendido tambem por um policia da 2.ª, outra porção de alcool que o condungueiro passava ás portas, n'um esconderijo arranjado nas cangalhas de um burro. O que esta gente faz para se subtrahir ao pagamento de direitos!

— Vae á proxima assignatura o decreto promovendo o sr. dr. Bernardo d'Albuquerque do Amaral ao logar de lente de prima, decano e director da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, vago pela aposentação ordinaria concedida ao sr. conselheiro Pedro Augusto Monteiro Castello Branco. E' isso consequencia apenas de direitos adquiridos n'uma carreira honrosissima.

— Tenho ouvido varias queixas contra o modo por que se estão fazendo algumas das execuções sobre contribuições, ultimamente decretadas. N'esse serviço entende toda a gente que deve haver a maior benevolencia, pois que muitas vezes a falta de pagamento, em tempo legal, teve como causa mais o desleixo das repartições respectivas, do que a incuria do contribuinte. Bom é que a fazenda receba o que lhe é devido, mas sem vexames nem violencias que a razão condemna.

— Foram bastante concorridas as exequias solemnes celebradas na capella dos Terceiros de Jesus, em suffragio da alma do dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho. Assistiram muitos sacerdotes, a familia do finado, grande numero das irmãs hospitaleiras, copiosa representação do partido realista, amigos e admiradores do eminente jurisconsulto e grande cidadão. Officiou o muito respeitavel sr. arcebispo de Mithylene.

— Por telegramma que acaba de receber-se de Hespanha sabe-se, que foi exonerado o governador de Badajoz. Causa do facto deve ter sido a celebre reunião peninsular dos republicanos que alli se realisou ha dias.

— O tribunal especial de verificação de poderes, deve julgar no dia 10 de julho a eleição por Sotavento de Cabo Verde. Os dois contendores foram os srs. Antonio Maria Cardoso, official de armada, e José Maria da Costa, juiz da Relação.

— O supremo tribunal administrativo resolveu na sua ultima sessão os seguintes negocios. Deu provimento á pretenção da companhia carris de ferro portuense, para que fique isenta do pagamento de imposto pelos noventa contos de réis em acções, que foram distribuidas por occasião da fusão das duas companhias. Deu provimento ao recurso de David Sousa Gonçalves, de Coimbra, sobre contribuição industrial; —Negou provimento aos recursos: de João Gonçalves Vianna de Lemos contra a nomeação do thesoureiro da camara municipal da Louzã, Gabriel Sarmento; da camara municipal de Monsão sobre a nomeação do professor temporario da escola elementar do mesmo concelho, José Vaz de Carvalho; do delegado do thesouro de Braga, em que era recorrido o padre Antonio Lopes Coelho sobre contribuição industrial; sobre a mesma contribuição, em que era recorrente João Baptista Gomes Ribeiro, da Povoa de Varzim.

— A questão das lavadeiras persiste no mesmo pé. Ellas voltaram ante-hontem ao ministerio do reino. Queriam saber a resposta á sua representação. Em grande numero juntaram-se na arcada e ao ministerio subiram oito, mas apenas uma d'ellas foi recebida pelo sr. Arthur Fevereiro, director geral do ministerio. E, segundo consta, a resposta de s. ex.ª não foi satisfactoria para as reclamantes, que reuniram no Pateo do Salema. Depois de larga discussão ficou resolvido que a Junta Federal trate na proxima sexta-feira de apurar tudo quanto haja sobre esta importante questão. Parece pelos calculos feitos, que a lavagem da roupa deve dar á camara pelo novo regulamento o quintuplo do rendimento actual, elevando a cerca de 8 contos a contribuição que estas pobres operarias terão que tirar á sua triste existencia. São convidadas as lavadeiras a reunirem hoje, ás 4 horas e meia da tarde, no Pateo do Salema para assumpto da maior importancia.

— O sr. Costa e Almeida, presidente da camara municipal do Porto, tornou a dirigir-se ao sr. ministro das obras publicas, insistindo pela emissão da estampilha commemorativa do quinto centenario do infante D. Henrique, nos termos já indicados, especializando que a emissão e a venda da estampilha seja por conta da mesma camara. Diz-se que, n'estas condições, não poderá ser attendida a pretensão da camara portuense.

— Foi favoravelmente resolvida a representação dos antigos mestres de barcos de navegação costeira para serem dispensados das condições exigidas pelo novo regulamento de pilotagem, que com justiça os não podia prejudicar. Esta representação foi apresentada ao sr. ministro da marinha pelo sr. deputado Barbosa de Magalhães.

— O *Diario do Governo* publicou já o decreto, assignado por el-rei no paço de Beja em 4 do corrente, creando a ordem civil do merito agricola e industrial. Os gaus da nova ordem são o grão-mestre, que será sempre o soberano, e dezeseis grã-cruzes, trinta e cinco commendadores e noventa officiaes. As fitas das veneras serão verdes com uma tira branca ao meio para a classe agricola, e vermelhas com uma tira branca para a industrial. A grã-cruz usar-se-ha a tiracollo, a commenda ao pescoço, e a medalha de official, que será redonda e de prata, no lado esquerdo do peito. Depois do primeiro provimento, a grã-cruz só poderá ser conferida a quem já fôr commendador.

— Officiou-se ao director da escola Politechnica mandando admitir a actos finaes das cadeiras do 1.º anno os alumnos a quem faltar o exame de litteratura, não podendo comtudo abrir nova matricula, sem que se apresente certidão do referido exame. Esta determinação é fundada em que os exames d'aquella disciplina estão demorados no lyceu e que não convinha atrazar o serviço da escola.

— Hontem á noite, no hospital de S. José suicidou-se a doente Maria da Piedade que alli se achava ha oito dias, na enfermaria de Santa Emilia. Maria da Piedade déra entrada no hospital por estar gravida e n'aquella enfermaria desde que deu á luz a creança ficou soffrendo de desarranjo mental. A enfermaria de Santa Emilia fica no ultimo pavimento do edificio a altura superior á de um quinto andar. Foi d'ahi que a tresloucada se precipitou, morrendo instantaneamente. Só muito depois da Maria da Piedade se ter precipitado da janella é que a enfermeira deu pela sua falta, participando n'essa occasião ao sr. fiscal Ricardo o desapparecimento da doente. Este senhor, então, procurando a infeliz por toda a parte, encontrou-a cahida no pateo e já morta. A infeliz tinha o craneo despedaçado e as pernas e os braços partidos; um perfeito horror. Foi logo conduzida para a casa mortuaria.

— O opulento proprietario, sr. José do Canto, introductor nos Açores da cultura do chá, poz á disposição do sr. ministro da marinha alguns milhares de plantas para, em tempo proprio, serem transportadas para Angola para se ensaiar alli a sua cultura. Além das plantas será enviada egualmente grande porção de sementes.

— Estão em gréve os trabalhadores da fabrica do Beato. Partiram para alli vinte policias sob o commando de tres cabos e dois chefes de esquadra. Motivou a gréve uma questão de exigencias de augmento de salarios. A fabrica pertence ao sr. Macieira, que participou o caso ao sr. commissario geral da policia, o qual, por sua vez, enviou a participação ao sr. commissario Amorim, da 1.ª divisão policial.

— A casa da moeda enviou no mez findo para differentes repartições do paiz a importancia de 257:700$ réis em moeda e cedulas, o saber: — para o banco de Portugal 200:000$ réis, em moedas de 500 réis; para Villa Real 6:000$000, em moeda de bronze, sendo 2:000$000 nas de 10 réis e 4:000$000 nas de 20 réis; para Bragança 200$000 em moedas de 5 réis e em cedulas; para o Porto réis 30:000$000; para Villa Real 4:000$; para Castello Branco 3:000$000; para Evora 10:000$000; para Bragança 1:500$000; e para o Funchal réis 3:000$000. Tambem já foram este mez queimadas 886:767 celulas da primeira emissão, sendo 218:384 de 50 réis e 668:383 de 100 réis, no valor total de 77:757$500 réis.

— O sr. bispo de Beja propôz ao governo oito presbyteros para serem agraciados com as honras de conegos: Parece que a escolha recaiu nos professores mais distinctos do seminario diocesano.

— Terminou a greve da fabrica do Beato porque os operarios resolveram-se a voltar para o serviço. Foram presos cinco que pretendiam impedir que os outros fossem para o serviço.

— Para o Porto foram enviados seis milhões de sellos para as caixas de phosphoros e para os outros districtos as remessas foram em harmonia com as indicações dos inspectores de fazenda.

Y.

ANNUNCIOS

HOTEL SERRA EM LUZO

O mais antigo estabelecimento de aquellas importantes thermas—o mais antigo, o que mais commodidades e mais segurança offerece, pois que alli tudo é escolhido e bom, está agora em pleno exercicio, recebendo não só os seus antigos freguezes, mas todos os que de novo se apresentam. E tal é o credito d'esta casa que todos os annos tem sido preciso acrescentar os aposentos em largas proporções. Os criados são todos de primeira escolha e garantidos; cozinheiro de primeira ordem, generos de primeira qualidade, aceio em tudo. Finalmente é um estabelecimento de primeira ordem o grande Hotel Serra, de Luzo e está em pleno exercicio.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

POS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLULAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que têem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor **Thomas Keating** e embrulhadas em papel verde. **Agencia e venda só por grosso em Portugal, Rua dos Fanqueiros, 114—1.º andar—LISBOA.** Deposito na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

PREÇOS

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.

CAMBIO

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

JOSÉ R. TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

---

não sendo facil encontrar-lhos no phisico tambem não o é no moral: porém, se o houvermos d'encarar pelo lado meramente politico por ventura apresentará alguns traços que bem poderião *illudir a quem o quizesse*—como por exemplo o adulador Lichnowski—*comparar a Thiers*. Thiers nasce de pais obscuros de quem não herda riquezas nem titulos; — Cabral deve a existencia a um mesquinho mercieiro da obscura aldêa d'Algodres; Thiers encéta a carreira do politica pela vareda demagogica, faz-se admirador de Danton de Robspierre, de todos os grandes genios revolucionarios, appresenta-se depois como candidato ao parlamento, conferem-lhe um diploma, logo depois uma pasta, e todas as suas idéas varião; — Cabral começa igualmente por levar até a exageração e fanatismo calculado de suas hiperboles; não admira Danton, nem Marat, nem Robspierre, nem Saint Just porque apenas—quando muito—os conhece de nome; mas esbravejando dia e noute por clubs e praças, consegue ser eleito deputado a seiscentas legoas de seu paiz natal, senta-se pouco depois no banco dos ministros, cede o patricio. Thiers lê, observa, e compara; fórma o seu juizo, traça a sua estrada e caminha por ella;—Cabral marcha absolutamente pela mesma vareda (salvo avantajar-se-lhe em traições) porém sem ler, sem observar, sem comparar;—tudo deve ao instincto. No primeiro descobre-se reflexão e talento, o segundo nem o tem para comprehender o seu horoscopo. Durante a vida de ministros ainda a coincidencia progride.—«Thiers (como diz Cormenin no livro dos «Oradores) depois que mudou de papel fez-se auctor, creador, «panigirista de dynastias, mantenedor de privilegios, dador e «executor d'ordens impiedosas; vinculou para sempre o seu nome ao estado de sitio de Paris, aos feitos magnificos da «rua Trasnonain, ás deportações do monte S. Miguel, ás «arrestações e encarceramentos, ás leis contra as associações «secretas, contra o jornalismo, contra a liberdade d'imprensa, «á disseminação dos patriotas, á dissolução das guardas nacionaes, a tudo que desmoralisou a nação, em fim a quanto «servia de revolver no lodaçal a pura e generosa revolução «do mez de julho.»—Cabral não fez tanto como elle, tanto

---

a sua consciencia aos leilões da praça publica, para que cada um vá dar seu lance; não diremos porém nada d'isto, o publico dirá o que entender.

Regressando da emigração alista-se muito *a contra gosto* no batalhão dos Academicos, e querendo evitar os projectis inimigos, começa de sacodir humildemente o pó das escadas de Silva Carvalho, até que, revestido da côr politica d'equelle ministro, consegue, a preço de milessimas baixesas, ser despachado juiz da relação dos Açôres. Mal porém que chega áquellas Ilhas, o seu plano varia; a cor de ministerial faz substituir a d'exagerado opposicionista: e os eleitores de S. Miguel conferindo-lhe pela primeira vez um diploma de deputado na eleição de 1835, ei-lo que apparece no Continente, sem que até 1836 se possa disignar ao certo o fim para que viera. Durante as sessões d'esses dous annos raras vezes se ouve a sua voz no parlamento; se a ergue não o escutão, e se a não ergue não o vêem. Aqui cabe perguntar porque motivo, Costa Cabral creatura do governo, e protegido de Silva Carvalho, tão rapida como inexperadamente se declarou contra elle; a rasão é sabida, porque muitos por ahi lh'a escutárão; guerreio, dizia elle n'esse tempo, «guerreio a actual «administração por não ter querido despachar meu irmão José.»—Boa causal na verdade, e excellentes convicções erão essas para ser eleito *deputado fraterno;* mas a nação que reconheceo os justificadissimos motivos porque a administração Silva Carvalho, não podia, sem offender a moral publica, despachar José Bernardo, fará justiça á consciencia do individuo que solicitava tal despacho.

Com a revolução de setembro Cabral via caducar o seu diploma, e como desejasse, segundo era natural, representar novamente o seu paiz, reconhecendo, que a Constituição de 1822 lhe vedava ser eleito pelo circulo aonde era juiz, e que obtel-o por outro seria talvêz empreza ou muito contingente, ou impossivel, soccorreu-se n'esse apuro a Vieira de Castro, de quem alcançou com effeito uma transferencia para o Continente, significando-lhe em quanto d'elle dependeu, a amisade mais heroica. Quanto ao modo porque depois pagou esta

---

mistas do parlamento francez, tempo houve, em que para á candidatura não duvidou afinar a sua lyra pelas notas mais agudas da liberdade. Tudo isto temos visto, para tudo ha exemplos na historia, e o campo das methamorphoses é immenso; ha-as de todos os generos, e houve as em todos os tempos; mas o que ainda até hoje nem tinhamos visto, nem ouvido, o de que talvez não se encontrem modelos no passado, o que apesar de todos os phenomenos da politica parece resistir á credulidade, offender a moral, e contrariar a natureza, é uma methamorphose de coripheu em coripheu, de energumeno d'um partido em chefe virolento do opposto. O apologista, o instigador, o sectario mais devoto de qualquer bando politico, concebemos que esse por uma sucessão de tempo e de cousas se converta em neophito do outro, que seja recebido no templo, que vista a alva e o cilicio, que profira o *penitet* dos arrependidos, que receba das mãos do sacerdote a ablução da agoa lustral, e que por ultimo consiga ser abraçado como irmão; mas que de Muphti em Constantinopla passe rapidamente a Pontifice Maximo em Roma, que n'um dia prégue o alcorão e no seguinte o evangelho, que hoje lance a grilheta ao christão e amanhã leve o judeo á fogueira, oh! isso não, que o não poderiamos nós comprehender se o não viramos, isso não, que é mais sublime do que Milton, mais incomprehensivel que a Trindade, maior que o espaço, e só inferior ao Protheu cuja vida politica nos propozemos descrever. Preparemo-nos pois para o acompanhar passo a passo na gloriosa epoca da Constituinte; é preciso prescruta lo bem n'essa phase para que melhor possa ser avaliado nos outras. Tudo quanto Antonio Bernardo pratica até então vale apenas mencionar-se;—resumiremos. Emigrado na Belgica consegue insinuar-se com um chefe de familia respeitavel, seduz lhe quasi simultaneamente duas filhas, obriga as a abortar, e entrega depois as desgraçadas ao abandono! Se nos deixassemos tomar da colera filosophica de João Jaques diriamos que este facto é immoral, barbaro, repassado de cruesa: diriamos talvez que é um d'aquelles, que revelão uma alma crua, que retratão fielmente o individuo que os pratica, e que entregão

---

como nenhum homem d'estado, porque os homens d'estado são raros, e aonde ha carencia absoluta de base é impossivel haver edificio, mas fazendo esse pouco que poude, já praticou de sobejo para infelicitar a nação. Quem disputará a Cabral a gloria das traiçoeiras convenções do Chão da Feira!—quem a das persigangas no Téjo? Quem a das perseguições aos Cartistas? Quem a da maior parte das medidas violentas contra a revolução de 1837!—Como contestar-lhe a assignatura nos anomalos projectos dos batalhões de milicias, nas leis restituitivas dos foraes, na da dissolução das guardas nacionaes? —De quem senão d'elle as revoluções por surpresa, as perseguições ao jornalismo, as leis contra a liberdade d'imprensa, as deportações para a Costa d'Africa, as traições de todo o genero, a confusão nas finanças, a desmoralisação no serviço, os adiamentos indifinidos, a dictadura de facto, e por ultimo o que quer que é de misterioso no futuro, a quem nos clubs d'esse ministro se dá o nome de — *Grande medida d'alta politica?* Assim como Thiers, Cabral apesar do quasi cinco annos de ministerio ainda não pôde adquirir o menor titulo á consideração nacional. «A consideração (continua o mesmo «Cormenin) nasce d'uma alta probidade como a de Dupont, «de L'Eurre, de um caracter politico que nunca se desmentio «como o do General La Fayette, d'uma immensa fortuna adquirida por immensos trabalhos como a de Casimiro Perrier, «d'uma larga clientella ganha á custa de generosidades e favores como a de Lafitte, d'alta dignidade, a par d'antigos «pergaminhos como a do Dugue de Broglie, da subordinação «militar, do explendor das victorias, e dos serviços feitos com «uma espada gloriosa como a do Marechal Gerard, d'uma vida digna e modesta como a de Royer Collard, em fim a consideração até algumas vezes provém de certa graça nas maneiras, e certa afabilidade no tracto como a de Mr. Telleirand.» Cormenin conclue perguntando a qual d'estas consideração poderá aspirar Mr. Thiers, se nós fizermos o mesmo relativamente a Antonio Bernardo ninguem levantará a luva por elle: tem uma consideração sua propria, mas não é das que enumerámos acima.